



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

A GRAMÁTICA E OS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA

**SUMÉ
2013**

MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

A GRAMÁTICA E OS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Martins Negreiros.

SUMÉ
2013

M929g Moura, Maurícia Tatiele de Sousa.
A gramática e os usos sociais. / Maurícia Tatiele de
Sousa Moura. - Sumé - PB: [s.n], 2013.
66 f.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Martins Negreiros.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande;
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido;
Unidade Acadêmica de Educação do Campo; Curso de
Licenciatura em Educação do Campo.

1. Gramática. 2. Ensino. 3. Contextualização. 4.
Interação social. I. Título.

UFCG/BS

CDU: 37(043.3)

MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

A GRAMÁTICA E OS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA

_____ Profa. Dra. Mônica Martins Negreiros Orientadora	Nota (__,__)
_____ Profa. Ms. Marcelle Ventura Carvalho Examinadora	Nota (__,__)
_____ Profa. Ms. Nadege da Silva Dantas Examinadora	Nota (__,__)
_____ Profa. Dra. Valéria Andrade Suplente	Nota (__,__)
Nota Final (Média)	Nota (__,__)

Aprovado em: ____/____/____.

*À Deus, por ser essencial em minha vida, nas horas de alegrias e de angústias, estando sempre presente, guiando-me e traçando metas para minha vida. Às pessoas que sempre estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida, acompanhando-me, apoiando e, principalmente, acreditando em mim: Meus pais Eurides e Maurício, minha irmã Ana Paula, meu padrinho Valdivino, meu namorado Pablo e toda a minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, **Dedico.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho. À minha orientadora Professora Dr^a Mônica Martins Negreiros pela paciência, amizade e dedicação, reservando-me um tempo precioso para as orientações e trocas de saberes. Não seria possível a conclusão deste trabalho sem seus ensinamentos.

À Professora e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Dr^a Maria do Socorro Silva, pelo apoio, pela compreensão, pelos “puxões de orelhas” nas horas de desânimo, e por sua amizade, muito obrigada.

A todos os meus professores que são os maiores responsáveis pela conclusão desta etapa da minha vida, compartilhando a cada dia os seus conhecimentos. Aos amigos e colegas, pelas palavras amigas nas horas difíceis, pelo incentivo e, principalmente, pela amizade.

Aos meus pais e familiares por me ajudarem nesta minha caminhada, incentivando-me e acreditando no meu trabalho.

Obrigada a todos que, direta, ou indiretamente me fizeram crescer, tanto pessoalmente como profissionalmente e por participarem de mais uma etapa de minha vida.

[...] a escola não deve ter outra pretensão senão chegar aos usos sociais da língua, na forma em que ela acontece no dia-a-dia da vida das pessoas. Essa língua é a “língua- em- função”.

Irande Antunes

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de identificar e analisar as concepções dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II referentes ao ensino da gramática como colaboradora da interação social ou como um ensino estereotipado nos moldes de uma gramática classificatória, e, ainda, as implicações desse ensino para o desenvolvimento de habilidades linguísticas como a leitura e a escrita. A pesquisa de campo foi realizada nas turmas do 8º e 9º anos da Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz, localizada no município de Sumé-PB, tendo como suporte teórico os estudos de Bagno (2000), Antunes (2003), Travaglia (2009), Oliveira (2010), dentre outros. A metodologia adotada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo, através do método da Pesquisa de Campo, tendo como instrumentos utilizados para a coleta dos dados observações de aulas, aplicações de questionários aos professores e alunos a fim de verificar diversos aspectos relacionados ao ensino de gramática, tanto questões ligadas aos educadores como, por exemplo, métodos e procedimentos de ensino, concepções sobre a língua, a linguagem e ensino de língua, como questões ligadas aos educandos, quais sejam, as perspectivas e os posicionamentos acerca do ensino de língua, a importância dos conteúdos trabalhados em sala para a realidade fora dos muros da escola, dentre outros aspectos. Mais especificamente, pretendemos, por meio deste trabalho, estabelecer considerações acerca das práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa inseridos no contexto da pesquisa, observando as atividades que envolvem o trabalho com a gramática, o lugar da leitura, o uso que se faz dos gêneros textuais para as referidas atividades. Esse diagnóstico servirá para atingir o principal objetivo deste trabalho que é fazer uma investigação e análise sobre as concepções adotadas pelos professores acerca do ensino da gramática, considerando a gramática uma ferramenta fundamental para a interação social entre sujeitos e não um manual prescritivo. Nesta direção, tentaremos propor uma nova visão do ensino da gramática, desmistificando preconceitos e caminhando para uma Educação Contextualizada, tomando a língua como lugar de interação entre sujeitos, enfocando o desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas, que permitem a ampliação do conhecimento dos alunos. Convém ressaltar que o trabalho com a gramática deve contribuir para que os alunos sejam proficientes nos usos sociais da língua, não podemos mais investir em um ensino ineficiente e mecanicista de exercícios de metalinguagem apenas. Assim, esperamos, a partir dos questionamentos levantados ao longo deste trabalho, promover reflexões que levem a uma tentativa de redirecionamento da prática pedagógica, em particular no que concerne ao ensino de língua e de gramática.

Palavras-chave: Gramática. Ensino. Contextualização. Interação Social.

RESUMEN

Este trabajo tiene el propósito de identificar y analizar las concepciones de los profesores de Lengua Portuguesa del Fundamental II referentes a la enseñanza de la gramática como colaboradora de la interacción social o como una enseñanza estereotipada en los moldes de una gramática clasificatoria, y aún, las implicaciones de esta enseñanza para el desarrollo de las habilidades lingüísticas como la lectura y la escrita. La pesquisa de campo foi realizada en las turmas de 8º y 9º años de la Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz, ubicada en el condado de Sumé-PB, teniendo como soporte teórico los estudios de Bagno (2000), Antunes (2003), Travaglia (2009), Oliveira (2010), entre otros. La metodología adoptada en esta pesquisa foi de carácter cualitativo, a través del método de la Pesquisa de Campo, teniendo como instrumentos utilizados para la coleta de datos observaciones de clases, aplicación de cuestionarios a los profesores y alumnos a fin de verificar diversos aspectos relacionados a la enseñanza de gramática, tanto cuestiones conectadas a los educadores, como por ejemplo, métodos y procedimientos de enseñanza, concepciones acerca de la lengua, el lenguaje y enseñanza de la lengua, como cuestiones conectadas a los educandos, o sea, las perspectivas y los posicionamientos acerca de la enseñanza de lengua, la importancia de los contenidos trabajados en aulas para la realidad fuera de los muros da la escuela, entre otros aspectos. Más, específicamente, pretendemos, por medio de este trabajo, establecer consideraciones acerca de las prácticas pedagógicas de los profesores de Lengua Portuguesa inseridos en el contexto de la pesquisa, observando las actividades que involucran el trabajo con la gramática, el lugar de la lectura, el uso que se hace de los géneros textuales para las referidas actividades. Este diagnóstico servirá para atingir el principal objetivo de este trabajo que es hacer una investigación y análisis sobre las concepciones adoptadas por los profesores acerca de la enseñanza de la gramática, considerando la gramática una herramienta fundamental para la interacción social entre sujetos y no un manual prescriptivo. En esta dirección, intentaremos proponer una nueva visión de la enseñanza de la gramática, desmitificando prejuicios y caminando para una Educación Contextualizada, tomando la lengua como lugar de interacción entre sujetos, enfocando el desarrollo de competencias y habilidades lingüísticas, que permiten la ampliación del conocimiento de los alumnos. Conviene resaltar que, el trabajo con la gramática debe contribuir para que los alumnos sean proficientes en los usos sociales de la lengua, no podemos más invertir en una enseñanza ineficiente y mecanicista de ejercicios de metalenguaje sólo. Así, esperamos, a partir de los cuestionamientos levantados a lo largo de este trabajo, promover reflexiones que lleven a una tentativa de redireccionamiento de la práctica pedagógica, en particular en lo que concierne a la enseñanza de lengua y de gramática.

Palabras-llave: Gramática. Enseñanza. Contextualización. Interacción Social.

LISTA DE SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A GRAMÁTICA E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO DE LÍNGUA	15
2.1 CONCEITO DE GRAMÁTICA.....	15
2.2. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM.....	16
2.2.1 <i>LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO</i>	17
2.2.2 <i>LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO, COMO MEIO, OBJETIVO PARA A COMUNICAÇÃO</i>	17
2.2.3 <i>LINGUAGEM COMO FORMA OU PROCESSO DE INTERAÇÃO</i>	18
2.3. TIPOS DE GRAMÁTICA.....	18
2.4. TIPOS DE ENSINO DE LÍNGUA.....	21
2.5. CRÍTICAS AO ENSINO TRADICIONAL DA GRAMÁTICA.....	23
3 DESCRIÇÃO E RELATO DA PESQUISA DE CAMPO	28
3.1. NATUREZA DA PESQUISA.....	28
3.2. DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.....	29
3.3. COLETA DE DADOS.....	30
3.3.1. OBSERVAÇÕES DE AULAS.....	30
3.3.2. QUESTIONÁRIOS.....	35
4 REPENSANDO O TRABALHO COM A GRAMÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR	41
4.1. HABILIDADES DE FALAR E OUVIR.....	43
4.2. HABILIDADE DE ESCRITA.....	44
4.3. HABILIDADE DE LEITURA.....	45
4.4 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS.....	53
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.....	57
APÊNDICE C - FOTOGRAFIAS DAS OBSERVAÇÕES DE AULAS (CAMPO DE PESQUISA)	61
ANEXO A - EXERCÍCIO DE METALINGUAGEM APLICADO PELA PROFESSORA 1 (9º ANO)	63
ANEXO B - EXERCÍCIO CONTEXTUALIZADO APLICADO PELA PROFESSORA 1 (9º ANO)	65

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, acerca de uma concepção diferente do ensino da gramática nas escolas, entretanto, houve poucas mudanças e, na maioria das vezes, percebe-se o estudo teórico da gramática apenas como um manual, não possibilitando aos alunos a compreensão das variações linguísticas existentes, tampouco o uso efetivo da língua em determinados contextos e a implicação do ensino de gramática no desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Sendo assim, é importante refletir que a função da escola, mais particularmente, das aulas de Língua Portuguesa, é levar o seu alunado a se comunicar corretamente e de forma contextualizada, adquirir as habilidades de escrita e leitura, compreender o fenômeno da variedade linguística, dentre outros aspectos, indo muito além do estudo da gramática com suas regras, exceções, nomenclaturas e classificações.

Neste sentido, nos dias de hoje, a escola deve mostrar a prática de uso da norma padrão da língua e não somente teorias e exemplos descontextualizados. Para que o aluno possa compreender a importância de tantas regras, é necessário mostrar que o não uso destas pode provocar desde interpretações equivocadas até a impossibilidade de comunicação, comprometendo o uso social da língua.

Diante destas considerações, este estudo tem como objetivo geral mostrar a importância de se contextualizar o ensino da gramática por meio de gêneros textuais, e identificar as concepções dos professores de Língua Portuguesa sobre o ensino da gramática, verificando se as concepções adotadas favorecem a interação social, o uso efetivo da língua em determinados contextos ou se são pautadas na perspectiva de um ensino estereotipado nos moldes de uma gramática classificatória. Neste estudo foram observadas ainda as implicações do ensino de gramática na aquisição de proficiências como a leitura e a produção de textos.

Nesta direção, este trabalho propõe uma pesquisa enfocando e analisando as concepções utilizadas no âmbito do trabalho com a análise linguística (a gramática) que fundamentam a prática pedagógica de professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental dos anos finais (8º e 9º), tendo como colaboradores para a pesquisa duas professoras de Língua Portuguesa e aproximadamente 30 educandos da Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz, que se localiza no município de Sumé. Nesta perspectiva, o ensino da gramática é tido como colaborador da interação social e ligado ao trabalho com a leitura e com a produção textual, ou seja, numa dimensão que engloba os usos sociais da língua. A metodologia adotada foi de cunho qualitativo, através do método da Pesquisa de Campo. De início, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a

gramática, tipologias, concepções de linguagem e de ensino de língua e sobre o ensino da gramática e, em sequência, foi feito todo um levantamento no campo da pesquisa que teve como instrumento de pesquisa a observação, investigação, levantamentos de dados e análise de aspectos ligados ao ensino da gramática em sala de aula.

A partir desta proposta, realizou-se um diagnóstico da prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa inseridos no contexto da pesquisa, observando a produção textual dos alunos, as atividades que envolvem o trabalho com a gramática, o lugar da leitura, o uso que se faz dos gêneros textuais para as referidas atividades. Esse diagnóstico serviu para atingir o principal objetivo deste trabalho que é fazer uma investigação e análise das concepções adotadas pelos professores acerca do ensino da gramática, considerando a gramática como uma ferramenta fundamental para a interação social entre sujeitos e não um manual prescritivo, objeto de um ensino estereotipado e classificatório.

Não é difícil entender a importância desta proposta, tampouco os motivos para a realização deste trabalho, já que os recursos didáticos utilizados pelos professores, a exemplo do livro didático, enunciam muito pouco, quase que superficialmente e, muitas vezes, o conteúdo exposto não condiz com a verdadeira função do ensino da gramática como uma forma de interação entre sujeitos proficientes em sua própria língua materna, seja no campo da oralidade, da escrita ou da leitura. Ou seja, o livro didático utilizado pelos docentes é insuficiente para despertar nos alunos o gosto pela gramática, pois recai no tradicionalismo das aulas de gramática normativa.

Além disso, o que se observa é que há muitos anos se fala em uma concepção diferente do ensino de gramática, mas pouca coisa mudou. O professor sabe que decorar regras, conceitos e classificações não funciona. Isso porque somente o estudo teórico não leva ninguém a falar, ler e escrever melhor. Como muitos educadores ainda não descobriram outra forma de abordar o tema, simplesmente o deixam de lado, ou mantêm o mesmo modelo adotado há décadas, resultando no fracasso escolar de muitos alunos, na evasão, ou, ainda, na falta de proficiência com o manejo dos recursos gramaticais da língua. Isso ocorre porque existe uma grande dificuldade de inovar as práticas pedagógicas. Mudar requer a revisão de concepções existentes acerca do objeto que se quer inovar, exigindo redirecionamento de posturas, métodos e estratégias.

Tudo isso implica em ter força de vontade para buscar novos conhecimentos, novos caminhos, a fim de mudar o ensino de gramática no âmbito da sala de aula, ofertando um ensino que favoreça a interação dos educandos, a aquisição de habilidades linguísticas e o desenvolvimento das competências comunicativas.

É importante disseminar que, nas escolas, o ensino da gramática deve levar os alunos a se comunicarem de forma correta através da leitura, da escrita e da oralidade, deve ainda possibilitar ao aluno a compreensão das variações linguísticas existentes, fazendo uso correto da modalidade da língua, sabendo adequá-la a cada situação, seja ela culta/padrão ou coloquial. Só assim, o professor estará direcionando as aulas de Língua Portuguesa para o objetivo concreto do ensino de gramática, que é levar os alunos aos usos sociais da língua, permitindo o acesso a vários gêneros textuais, cada qual com sua estrutura específica e promovendo o entendimento de que estes gêneros circundam o processo de comunicação. Além disso, é necessário desenvolver a consciência de que existem as variações linguísticas, as modalidades coloquiais e cultas da língua oral e escrita e que não há apenas uma única maneira de ler, escrever e falar, embora a escola ainda não tenha despertado para essa realidade.

A pesquisa referente à concepção adotada pelos professores de Língua Portuguesa em relação ao ensino da gramática, além de verificar os conhecimentos dos professores sobre o assunto abordado, também servirá, embora que implicitamente, para analisar a capacidade desses profissionais para uma nova visão do ensino da gramática, desmistificando preconceitos e para uma Educação Contextualizada, tomando a língua como lugar de interação entre sujeitos, enfocando o desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas que devem permitir a ampliação do conhecimento dos alunos.

Portanto, esta pesquisa é de muita importância para os professores atuantes e futuros professores de Língua Portuguesa sobre o ensino da gramática para promover a percepção de que existem maneiras diferenciadas de se trabalhar a análise linguística, não internalizando como uma lei imutável, pois isso só contribui para reforçar ainda mais a desigualdade social, e acarretar dificuldades comunicativas. Este estereótipo precisa mudar, uma vez que o estudo de língua materna deve promover a interação entre sujeitos, possibilitar o desenvolvimento de competências básicas como a leitura e a escrita, e a compreensão do fenômeno da variação linguística.

2 A GRAMÁTICA E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E ENSINO DE LÍNGUA

2.1 CONCEITO DE GRAMÁTICA

Para que possamos analisar, compreender e até criticar o ensino da gramática é necessário realizarmos um estudo sobre suas origens, tipologias, concepções de linguagem, ensino de língua, bem como estabelecer considerações acerca das críticas e contribuições em relação ao trabalho com a gramática na escola.

A gramática teve origem há dois séculos antes da era cristã na cidade de Alexandria, no Egito, sendo os gregos os primeiros a se dedicarem ao estudo gramatical e às suas estruturas gramaticais com objetivo de preservar a “pureza” da língua grega que estava sendo contaminada. Essa preocupação em proteger a língua teve início com a constatação de diferenças linguísticas na linguagem corrente da população em relação à língua clássica. Amedrontados que tais diferenças pudessem atingir e modificar a língua, os gregos criaram uma gramática da mesma com objetivo de garantir sua preservação e sua “pureza” para que servisse de modelo. Desta forma, surgiu a gramática, palavra grega que significa “a arte de escrever”. Esse estudo apenas para os usos literários dos grandes autores do passado recebe o nome de Gramática Tradicional.

Sendo assim, para se entender o estudo da gramática é necessário este termo tão corriqueiro. Segundo Oliveira (2010), a palavra gramática é polissêmica, podendo ser usada em vários contextos, entre eles, usa-se o termo gramática para definir um livro que contém regras prescritas, refere-se à arte de se escrever bem e, por fim, a palavra gramática se refere ao conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa.

Fazer uso da gramática como um tipo de livro não causaria problema, mas, para adotar as demais definições, é necessário ter cautela, pois as mesmas acarretam pontos negativos para a prática pedagógica. Diante disso, Mendonça (2006) apud Oliveira (2010) afirma que:

O ensino de gramática constitui um dos mais fortes pilares das aulas de português e chega a ser em alguns casos a preocupação quase exclusiva dessas aulas. Nas últimas duas décadas, entretanto, vem se firmando um movimento de revisão crítica dessa prática, ou seja, vem-se questionando a validade desse “modelo” de ensino, o que faz emergir a proposta da prática de **análise linguística** em vez de aulas de gramática (MENDONÇA, 2006, p. 199 apud OLIVEIRA, 2010, p. 233, grifo da autora).

Para Travaglia (2009, p. 24) existem basicamente três concepções para se entender o que é gramática. Na primeira concepção, a gramática é “concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas”. Esta concepção caracteriza a gramática normativa que compreende o conjunto de normas para o “bom” uso da língua, espelhando as características da língua culta, padrão, que implica o domínio de regras e o uso correto da língua, tanto na fala quanto na escrita.

A segunda concepção diz respeito à gramática descritiva por meio da qual é realizada “uma descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função” (TRAVAGLIA, loc.cit). Ou seja, nesta concepção se faz uma descrição dos fatos da língua, estabelecendo suas regras de funcionamento e adequação das variedades linguísticas.

A terceira concepção de gramática refere-se “àquela que considera a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa” (TRAVAGLIA, loc.cit). A gramática que está inclusa nesta concepção é a gramática internalizada, a qual é entendida como um conjunto de princípios que o falante aprendeu na interação social independentemente de escolarização, através do seu amadurecimento natural, não havendo erro linguístico.

Partindo-se dessa breve descrição sobre as concepções de gramática fica evidente a existência de vários tipos de gramática, e o professor deve estar consciente da existência dessa variedade, a fim de poder conduzir o ensino de Língua Portuguesa, voltado para o desenvolvimento de competências comunicativas, para a formação das habilidades de leitura e escrita, para o tratamento da oralidade e para o trabalho com as variações linguísticas, dentre outros aspectos.

2.2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Ao abordar o ensino de língua materna é necessário que os professores compreendam as concepções existentes sobre a linguagem, tendo em vista que a maneira como a linguagem é concebida influencia o trabalho com a gramática e com a língua.

Assim, Travaglia (2009) destaca três formas de se compreender a linguagem: 1) a linguagem como expressão do pensamento, 2) a linguagem como instrumento de comunicação, como meio, objetivo para a comunicação e 3) a linguagem como forma ou processo de interação.

2.2.1 LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO

Conforme Travaglia (2009), a concepção de linguagem como expressão do pensamento é sustentada pela gramática tradicional, pois as regras a serem seguidas são as normas do bem falar e do bem escrever. Segundo essa concepção, afirma que as pessoas não se expressam bem, porque não pensam antes de falar, pois a expressão se inicia no interior da mente das pessoas e a exteriorização da linguagem dependerá da pessoa organizar a lógica do pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada. O que importa nessa concepção é expressar as ideias dentro de uma organização lógica do pensamento, sem a preocupação com a interação comunicativa. Ainda para o autor, “a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução do pensamento” (TRAVAGLIA, 2009, p. 21).

2.2.2 LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO, COMO MEIO, OBJETIVO PARA A COMUNICAÇÃO

A linguagem, nessa concepção, baseia-se em um código, um conjunto de signos que se combina segundo regras, e que tem o papel de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor. Esse código deve ser dominado pelos falantes e utilizado de forma semelhante, preestabelecido, convencionado, para que se efetive o ato comunicativo.

De acordo com Travaglia (2009):

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele a coloca em código (decodificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22).

Neste sentido, a dinâmica comunicativa dessa concepção de linguagem se dá por meio da relação entre o falante e o ouvinte, quando o falante tem algo a transferir para o interlocutor.

2.2.3 LINGUAGEM COMO FORMA OU PROCESSO DE INTERAÇÃO

Na terceira concepção, a linguagem é definida como forma ou processo de interação, o indivíduo atua, age, realiza ações por meio da linguagem que não é apenas elemento de exteriorização do pensamento ou mero transmissor de informações, mas agente de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentidos entre os interlocutores em uma situação comunicativa.

2.3 TIPOS DE GRAMÁTICA

Além das três concepções já mencionadas por Travaglia em relação ao conceito de gramática, existem ainda diferentes tipos de gramática que podem ser explorados no ensino de Língua Portuguesa nas aulas de análise linguística (gramática) e que serão expostos na sequência.

1-Gramática normativa é aquela gramática responsável por ditar as normas, as regras do bem falar e escrever. Nessa concepção, a variante oral da língua fica em segundo plano, priorizando os fatos da língua escrita na forma padrão. Esse tipo de gramática exerce um poder sobre a língua, uma vez que prescreve ao falante o uso da norma culta. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa observa-se que:

A gramática normativa é o tipo de gramática a que mais se refere tradicionalmente na escola e, quase sempre, quando os professores falam em ensino de gramática, estão pensando apenas nesse tipo de gramática, por força da tradição ou por desconhecimento da existência dos outros tipos (TRAVAGLIA, 2009, p. 32).

Com isso, o ensino de Língua Portuguesa deve ser revisto, não no sentido de que as aulas de gramática sejam abolidas, mas, na perspectiva de que os professores conheçam as várias concepções do ensino de gramática, as concepções de linguagem, que são de suma importância para o direcionamento do ensino de língua, considerando ainda as variações linguísticas e o conhecimento que o falante tem sobre a língua materna.

2-Gramática descritiva é a gramática responsável por descrever e registrar os usos da língua em sua sincronia, ou seja, num determinado momento de sua existência. Esse tipo de gramática não renuncia as outras variantes da língua, ao contrário, “trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade” (TRAVAGLIA, 2009, p.32).

A gramática descritiva tem a ação voltada para a oralidade e se constitui não por determinar apenas as normas da língua, mas por descrever a língua num determinado período. Essa abordagem não se interessa somente pelo uso correto da língua, mas também pela variedade existente, inclusive nas formas orais.

3-Gramática internalizada ou **competência linguística internalizada do falante** é a gramática entendida como um conjunto de princípios que o falante aprendeu na interação social independentemente de escolarização, através do seu amadurecimento natural, não havendo erro linguístico, mas inadequação da variedade linguística usada em uma determinada situação de comunicação. Ou seja, é o conjunto de regras que os falantes internalizaram sobre o uso da língua no convívio social, no ambiente familiar, sem que tenha havido um processo de escolarização.

4-Gramática implícita é a gramática que o falante tem internalizada, ou seja, é a gramática que o falante usa sem ter a consciência de que é uma gramática. Por isso, pode ser entendida como gramática de uso, porque possibilita o uso intuitivo da língua.

5-Gramática explícita ou **teórica** é o conjunto de todas as gramáticas normativas e descritivas que, tradicionalmente se transmite nas escolas, figurando como a única gramática existente, ou seja, é a metalinguagem construída pelos linguistas e gramáticos que explica o funcionamento da língua.

6-Gramática reflexiva é o tipo de gramática que reflete os processos de construção do funcionamento da língua. Como afirma Travaglia (2009), “se refere mais ao processo do que aos resultados [...] Parte, pois, das evidências linguísticas para tentar dizer como é a gramática implícita do falante, que é a gramática da língua” (TRAVAGLIA, 2009, p. 33).

7-Gramática contrastiva ou transferencial tem como objetivo descrever duas línguas ao mesmo tempo, comparando seus padrões e notando semelhanças entre eles. Segundo Travaglia (2009), este tipo de gramática é muito útil quando se pretende ensinar a língua materna, pois ela ajuda a demonstrar as semelhanças que existem entre as variações de uma mesma língua.

8-Gramática geral é a que procura compreender no seu contexto os padrões de fala e escrita em comunicação linguística. Considera o maior número de línguas possível “com o fim de reconhecer todos os fatos linguísticos realizáveis e as condições em que se realizarão” (BORBA apud TRAVAGLIA, 2009, p. 35).

9-Gramática universal é a gramática que procura comparar, observar os fenômenos que são comuns a todas as línguas do mundo como, por exemplo, a ocorrência de vogais em todas elas.

10-Gramática histórica estuda a sequência temporal das fases evolutivas pelas quais passou um determinado idioma. Concentra-se, portanto, na origem e evolução de uma língua. Na escola, a gramática histórica tem grande importância, pois possibilita dar aos alunos noções de como o português evoluiu ao longo do tempo, desde sua origem no Latim vulgar até suas formas modernas. Veja-se:

Noções básicas de gramática histórica têm feito parte dos programas de ensino de língua portuguesa no ensino médio, informando aos alunos sobre a origem do português no Latim vulgar, suas fases (medieval, clássica, moderna); sobre elementos de sua evolução fonológica (metaplasmos), morfológica e sintática e sobre a formação de seu vocabulário (TRAVAGLIA, 2009, p. 36).

11-Gramática comparada considera a sequência das fases evolutivas de muitas línguas “normalmente buscando encontrar pontos comuns. Os estudos comparativistas tiveram seu auge no final do século XIX e início do século XX e foram responsáveis pelo estabelecimento das famílias de línguas, descobrindo parentescos entre línguas” (TRAVAGLIA, 2009, p. 37). Foi a partir dos estudos comparativistas que se estabeleceu o parentesco entre línguas consideradas muito distantes, a exemplo do Latim e do Sânscrito.

Além dos tipos de gramáticas elencadas acima, não podemos deixar de fazer referência à gramática funcional cuja finalidade é o processo de comunicação entre os sujeitos. Neves (1994) descreve a gramática funcional como “uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social” (Ibid, p. 112). Diante do exposto, fica evidente que a gramática funcional caracteriza-se pelo trabalho que se faz com as regras gramaticais da língua em função do processo da interação social.

Para Mackenzie (1992),

a gramática funcional tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Em outras palavras, a gramática funcional visa a explicar regularidades nas línguas, e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura. (MACKENZIE, 1992 apud NEVES, 1994, p. 112).

Neste sentido, a gramática funcional é uma gramática de uso, pois busca essencialmente verificar como se processa a comunicação em uma determinada língua e, para isso, não assume como tarefa descrever a língua, mas fazer uma interpretação da língua como

processo de interação social, portanto, esta gramática analisa a função da língua natural utilizada na interação social, pois cada falante tem sua própria competência comunicativa.

Partindo-se dessas variedades existentes de gramáticas, fica perceptível que o trabalho desenvolvido nas escolas, nas aulas de Língua Portuguesa, é direcionado pela gramática tradicional ou normativa, pautando-se, talvez, em uma busca constante de aprimoramento da língua, haja vista que a gramática normativa dita as normas do bem falar e escrever, sem que se leve em consideração o uso efetivo da língua em toda sua dimensão.

Dessa forma, o que pretendemos ressaltar é que existem variedades da concepção de gramática que devem ser exploradas no âmbito escolar, por meio das quais é possível o desenvolvimento não só das formas de se falar e escrever “bem” ou “corretamente”, mas também a aquisição de habilidades necessárias ao manejo com a leitura e a produção textual, possibilitando, ainda, o conhecimento das variedades linguísticas, o que levaria os alunos ao uso efetivo da língua. Nesta perspectiva, as aulas de Língua Portuguesa devem ser voltadas para o trabalho com a leitura e a produção de textos, pois é o exercício constante dessas práticas que proporciona o uso da língua e a aprendizagem efetiva de aspectos gramaticais da língua, tendo em vista que o funcionamento da língua ocorre nos textos e não em regras, nomenclaturas, classificações e tipologias isoladas.

2.4 TIPOS DE ENSINO DE LÍNGUA

Segundo Travaglia (2009), a maneira como o professor compreende a natureza fundamental da língua altera o modo como estrutura seu trabalho em termos de ensino. Por isso é importante definir quais são os objetivos de ensino de língua materna, pois é a partir da delimitação das finalidades que se torna pertinente refletir sobre os métodos.

É o que afirma Antunes (2003):

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, **concepções** (O que é linguagem? O que é uma língua?), **objetivos** (Para que ensinamos? Com que finalidade?), **procedimentos** (Como ensinamos?) e **resultados** (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos* (ANTUNES, 2003, p. 34, grifos do autor).

Convém salientar que, em sala de aula, alguns aspectos da Língua Portuguesa serão privilegiados em detrimento de outros, dependendo do foco do professor. Quando o foco está

na língua propriamente dita, tem-se uma concepção estruturalista da linguagem, na qual o sujeito é pré-determinado pelo sistema, bastando apropriar-se das normas para ser considerado um bom aluno.

Conforme Travaglia (2009), tendo em vista o ensino adequado da língua, os autores Halliday, McIntosh e Stevens (1974) afirmam que existem três abordagens de ensino da língua, que são: prescritivo, descritivo e produtivo (HALLIDAY, MCINTOSH E STREVENSON, 1974 *apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 257-287).

O ensino **prescritivo** é a influência feita a partir das habilidades existentes, procurando substituir um padrão de atividade por outro. Essa abordagem de língua “é ao mesmo tempo, proscritiva, pois para cada ‘faça isto’ implica um ‘não faça aquilo’”. Neste sentido, o ensino prescritivo deve levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística que não são aceitáveis por outros padrões aceitáveis.

Para Travaglia (2009), o ensino prescritivo pode levar o aprendiz ao domínio da norma culta por meio da aprendizagem da variedade escrita da língua, auxiliando no uso da língua de maneira eficiente, pelo menos no que tange às regras gramaticais.

Em seguida, destaca-se o ensino **descritivo** que pressupõe a demonstração do funcionamento da língua, ou seja, procura tratar das habilidades adquiridas sem interferir em seu processo natural, apenas demonstrando como utilizá-las. Sendo assim, a língua materna deve desempenhar o papel principal no ensino descritivo, porque é esta que o aluno conhece melhor. Essa abordagem busca mostrar como a língua funciona a partir do conhecimento do aluno, sem interferir diretamente nos seus hábitos linguísticos.

Conforme Travaglia (2009, p. 39), o ensino descritivo atende basicamente aos objetivos que serão descritos abaixo com ênfase na questão: “para que são ministradas aulas de língua materna?”

- a) levar ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura e funcionamento, sua forma e função;
- b) ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade.

Por último, enfatiza-se o ensino **produtivo** que implica no ensino de novas habilidades linguísticas ao aluno, bem como direciona o professor a mostrar o funcionamento da língua, a fim de dar ao aluno uma noção do seu próprio uso. De acordo com Travaglia (2009), o ensino produtivo é o que melhor desenvolve a competência comunicativa do aluno, pois auxilia no desenvolvimento de novas habilidades.

Para Travaglia (2009), esses três tipos de abordagens do ensino de língua podem ser adotados mutuamente, sem que se atribua maior peso para o ensino prescritivo em detrimento das outras formas. Veja-se:

(...) não são mutuamente excludentes e podemos em nosso trabalho lançar mão de todos eles de acordo com nossos objetivos. Todavia tem sido consenso entre os estudiosos das questões ligadas ao ensino de língua materna que o ensino descritivo e o produtivo, sobretudo o segundo, são muito úteis para o aluno, mas que o prescritivo tem sido hipervalorizado e muito mais praticado nas aulas de língua materna em detrimento dos outros dois tipos, causando prejuízos na formação do aluno, em termos do conhecimento linguístico de que disporá em sua vida, sobretudo no que diz respeito à obtenção de uma competência comunicativa mais ampla, que é fundamental para viver melhor. Mesmo porque o ensino prescritivo que tem sido feito não tem conseguido nem mesmo seu objetivo de levar os alunos a terem uma competência que se considere satisfatória no uso das variedades culta e escrita da língua (Ibid, p. 40).

Diante do exposto, é importante para qualquer professor saber qual a finalidade do ensino da língua materna, pois cada atividade desenvolvida em sala de aula deve ser pensada de maneira que sejam alcançados os objetivos do ensino de língua, levando-se também em consideração as diferentes concepções de linguagem e de língua, os procedimentos utilizados e os resultados a serem alcançados, a fim de conseguir ampliar as competências comunicativas dos alunos.

2.5. CRÍTICAS AO ENSINO TRADICIONAL DA GRAMÁTICA

Sabe-se que existe uma grande dificuldade de inovar as práticas pedagógicas no que diz respeito ao ensino da gramática que se restringe, muitas vezes, à apresentação de nomenclaturas e aos exercícios de classificação de palavras e orações. Isso ocorre justamente porque alguns professores ainda concebem a gramática como sendo uma atividade normativa, que envolve a assimilação de classificações, de regras e de exceções, ou porque muitos deles não sabem como aplicar o conhecimento linguístico de outra forma.

O que se percebe são atividades mecanicistas, exigindo-se simplesmente que se decorem conceitos, classificações morfológicas e sintáticas da língua. Todavia, essa prática adotada pelos professores no ensino de Língua Portuguesa se dá pela formação básica e superior tradicionalista que tiveram anteriormente, contribuindo para uma maior resistência ao uso de novas metodologias. Isso não significa afirmar que os professores não sejam capazes de redirecionar posturas e métodos, aplicando um ensino contextualizado.

É preciso que se tenha consciência do contexto atual de ensino de língua, que se perceba a ineficácia de métodos por meio dos resultados alcançados, que se avalie a falta de proficiência nas habilidades de leitura e de escrita demonstrada por alunos em Concursos Públicos, no ENEM etc., sem considerar os IDEBs - Índices de Desenvolvimento da Educação Básica - baixíssimos de determinadas escolas. Tudo isso culmina em um quadro que exige mudanças urgentes e redirecionamentos no ensino, de modo geral e, mais especificamente, nesse contexto, no que se refere ao ensino de língua.

Antunes (2003) critica as aulas de português apontando o ensino de uma gramática descontextualizada, amorfa, desvinculada dos usos reais da língua. Uma gramática fragmentada, de frases isoladas, voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função, que não leva em consideração o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes.

É possível observar, com algumas exceções, que o ensino de gramática nas escolas públicas não é contextualizado, pois a gramática é ensinada por meio de frases e palavras soltas, desvinculadas de um contexto. Em relação a esse ensino, Antunes (2003) confirma que as atividades de gramática são compostas por palavras desagregadas, inventadas, sem interlocutores, sem função, que servem apenas como lição. Esse ensino está pautado na nomenclatura gramatical. Desse modo, o aluno só será capaz de nomear e classificar as unidades linguísticas, sem o conhecimento dos efeitos que elas provocam nos textos em que são inseridas. Geralmente, é dessa maneira que os professores de Língua Portuguesa propõem os exercícios escolares que visam grifar, circular ou identificar as unidades linguísticas, sem levar em consideração o funcionamento e a aplicabilidade da gramática em textos orais ou escritos.

Neste sentido, Antunes (2003), destaca uma questão que vem sendo discutida por vários pesquisadores em relação ao ensino da língua, afirmando que:

A escola não estimula a formação de leitores, não deixa os alunos capazes de ler e entender manuais, relatórios, códigos, instruções, poemas, crônicas, resumos, gráficos, tabelas, artigos, editoriais e muitos outros materiais escritos. Também não deixa os alunos capazes de produzir por escrito esses materiais. Ou seja, tem “uma pedra no meio do caminho” da aula de português (Ibid, p. 15).

Tomando por base esta afirmação, a escola não está capacitando os seus educandos para serem proficientes nas atividades de leitura, escrita e compreensão de textos, deixando de cumprir uma de suas finalidades primordiais o desenvolvimento da competência

comunicativa: Com isso, compromete o processo de aquisição de competências linguísticas essenciais ao mundo letrado.

É importante disseminar que, nas escolas, o ensino da gramática deve levar os alunos a se comunicarem de forma correta através da leitura, da escrita e da oralidade, deve ainda possibilitar ao aluno a compreensão das variações linguísticas existentes, fazendo uso correto da modalidade da língua, sabendo adequá-la a cada situação, seja ela culta/padrão ou coloquial. Só assim, a escola estará direcionando o ensino para o objetivo concreto da gramática, que é levar os alunos aos usos sociais da língua, ou seja, ao uso efetivo da língua em uma situação real de comunicação, permitindo o acesso a vários gêneros textuais, cada qual com sua estrutura específica e promovendo o entendimento de que estes gêneros circundam o processo de comunicação. Além disso, é necessário desenvolver a consciência de que existem as variações linguísticas, as modalidades coloquiais e cultas da língua e que não há apenas uma única maneira de ler, escrever e falar, embora a escola ainda não tenha despertado para essa realidade.

Diante desta colocação, o que se observa atualmente nas escolas é que o ensino de gramática não é produtivo, pois não desenvolve a competência comunicativa dos alunos para que estes saibam como se expressar nas diversas situações de comunicação verbal, visto que a gramática existe para regular os usos adequados da fala e da escrita das línguas como relata Antunes (2003).

É neste sentido de mudança da prática do ensino da gramática na sala de aula que se vem pensando em um ambiente propício onde o sujeito tenha o ensino não só da língua em si, mas da linguagem, como focaliza Bagno (2000):

A prática pedagógica tradicional, no entanto, sempre privilegiou a língua, concentrando-se em mapear cada centímetro quadrado da ilha, deixando de lado, talvez por medo das imensas dificuldades da tarefa, o estudo da linguagem, a reflexão sobre a língua mais tudo o que está em volta, o mergulho no oceano. A prática pedagógica tradicional, portanto, sempre privilegiou a gramática, fingindo ignorar a existência da linguagem, fazendo vista grossa para a existência da dramática. (Ibid, p. 307, grifo nosso).

Com isso, entende-se “dramática” não com o sentido de drama, mas como um momento de diálogo onde todos têm o direito de expressar os seus falares. Porém, essa prática requer do professor mudança, possibilitando o trabalho com a gramática reflexiva, pois só o professor tem o papel de levar e desvendar os mecanismos que permitem o aluno “dizer o que ele quer dizer” (Op. cit, p. 311) e, além do mais, é o professor que deve expor aos alunos que

eles já sabem a língua, basta que eles explorem e reflitam sobre o papel da língua e seus aspectos orais e escritos.

No que diz respeito à postura do professor frente à aula de português, tomou-se por base Antunes (2003), apontando alguns princípios que o educador ao analisar encontrará “pistas acerca ‘do que fazer’ e ‘como fazer’ para trabalhar a oralidade, a leitura, a escrita e a gramática nas aulas de português” (Ibid, p. 107). Para a autora, a escola é um ambiente favorável para o trabalho com a língua, quando se considera o uso efetivo da língua em uma situação real de comunicação, não o trabalho artificial de produção de textos ou de redação, e de reprodução de regras, classificações e nomenclaturas.

Importa considerar que, nas aulas de língua portuguesa, comumente, os textos não são explorados de maneira correta, pois os professores não analisam, não exploram o sentido do texto, apenas retiram fragmentos com intuito de ensinar as regras gramaticais de forma isolada, o que, na verdade, deveria ser o contrário. De acordo com a concepção da referida autora, “o texto é que vai condicionar a escolha dos itens, objetivos e atividades pedagógicas”. Desta forma, não importa o período em que acontece o aprendizado do português, este deve estar sempre pautado em “ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente da fala e da escrita” (ANTUNES, 2003, p. 110).

Antunes (2003) enfatiza, ainda, a importância da escola e, principalmente, a relevância de o professor desenvolver no aluno as habilidades de ouvir, falar, escrever e ler, competências que ela considera fundamentais para que o indivíduo viva de maneira ativa na sociedade. Em relação ao ensino da gramática, a autora mostra que as regras gramaticais já estão “incluídas nas situações comuns da interação verbal” (Ibid, p. 119). Não cabe ao falante decidir se vai incluir ou não no seu discurso as regras gramaticais, elas simplesmente estão lá. Por isso, a autora defende que, ao explorar os sentidos dos textos, exploram-se também os recursos gramaticais.

Os PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais - de Língua Portuguesa, que são referências de qualidade para o Ensino Fundamental e Médio do país, cujo objetivo é propiciar subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, tendo em vista um projeto pedagógico em função da cidadania do aluno e uma escola em que se aprenda mais e melhor, enfatizam que:

Ao longo dos oito anos do ensino fundamental, espera-se que os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado. Para que essa expectativa se concretize, o ensino de Língua Portuguesa deverá organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de: utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade

lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam [...] (BRASIL, 1997, p. 33).

Neste sentido, a própria regulamentação afirma que o ensino da língua materna deve levar os sujeitos aos usos sociais da língua e não permanecer na classificação gramatical. Partindo do pressuposto de que a língua se realiza no uso, ou seja, nas práticas sociais em que os indivíduos se apropriam dos conteúdos, é importante que os alunos possam expandir sua capacidade de uso da língua e adquirir outras que não possuem em situações linguisticamente significativas, de interação comunicativa.

Pensar no ensino de gramática é concordar com Travaglia (2011) ao afirmar que:

Se se entender a gramática não como teoria linguística, mas como o conjunto de conhecimentos linguísticos que um usuário da língua tem internalizado para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa, então, sem dúvida, a gramática tem tudo a ver com a qualidade de vida, pois quanto mais recursos, mecanismos, estratégias da língua o usuário dominar, melhor desempenho linguístico terá (Ibid, p. 15).

Assim, se na escola o professor promover a aquisição e ampliação destas competências, sem dúvida ele estará contribuindo para uma qualidade de vida muito maior, pois estará possibilitando ao sujeito desenvolver a sua competência comunicativa, ou seja, utilizar a língua para fins sociais no mundo letrado e, em seus diversos registros, dependendo da situação comunicativa. Portanto, é dever da escola desenvolver essas habilidades nos estudantes para que, através da língua, eles consigam se integrar no ambiente em que vivem com mais qualidade.

3 DESCRIÇÃO E RELATO DA PESQUISA DE CAMPO

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para este estudo foram utilizados pressupostos da pesquisa qualitativa, através do método da Pesquisa de Campo. De acordo com Gil (2008), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A Pesquisa de Campo, como afirma Severino (2007), é o estudo que é feito de maneira direta, ou seja, junto às próprias fontes informativas, dessa forma, a coleta dos dados é realizada através da observação sem intervenção por parte do pesquisador. Abrangendo assim os levantamentos mais descritivos, até mesmo os estudos mais analíticos.

Desta forma, para a realização desta pesquisa, foi feita, na primeira fase, uma revisão bibliográfica sobre as concepções de linguagem, tipos de ensino de língua, tipos de gramática, além de leituras específicas que tratavam do ensino da gramática no campo escolar e suas possíveis inserções, de maneira que fosse ressaltado o ensino da gramática como colaborador da interação social, ou seja, os usos sociais da língua em diversas situações de comunicação.

Em sequência, houve a pesquisa de campo que envolveu o processo de coleta de dados no local (Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz), através dos instrumentos de observações, de investigações, da aplicação de questionários para os professores e alunos e análises de aspectos ligados ao ensino da gramática em sala de aula (análise de atividades realizadas em sala, exercícios de análise linguística, produções textuais). O estudo se deu em uma escola de esfera municipal, localizada na cidade de Sumé-PB.

No início da pesquisa de campo foram estabelecidos os contatos necessários com a escola e com os professores envolvidos, a fim de manter uma aproximação com o ambiente da pesquisa. A primeira semana desse estudo foi dedicada a visitas à escola e contato com os professores, com o objetivo de se coletar dados sobre a escola, o espaço físico, fotografar o ambiente e interagir com os professores, turmas e anos a serem pesquisados.

Durante a realização da pesquisa de campo foi aplicado, aos professores, um questionário para investigação de aspectos a respeito do ensino da gramática, dentre estes, a concepção de ensino de gramática adotada por cada professora, os procedimentos

pedagógicos, os objetivos do ensino de língua, as expectativas em relação ao ensino de língua etc. Também houve a aplicação de questionários aos alunos com o intuito de identificar as opiniões acerca do ensino de Língua Portuguesa a eles ofertado (Apêndices- A e B).

Foram realizadas também observações de aulas de Língua Portuguesa na escola, a fim de observar a dinâmica envolvida nas aulas de análise linguística (aulas de gramática), de leitura e produção textual, como era realizada a inserção dos gêneros textuais na sala de aula, quais os procedimentos utilizados no trabalho com a gramática. Em seguida, foram efetuadas análises dos exercícios aplicados pelas professoras, envolvendo o trabalho com a gramática, observando se havia a contextualização de fatos da gramática e a relação entre esse ensino e o trabalho com a escrita e a leitura.

3.2 DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento do estudo proposto estabeleceu-se parceria com uma escola pública da Rede Municipal de Ensino da cidade de Sumé - PB, única cidade da microrregião do Cariri Ocidental, que faz parte da Mesorregião da Borborema. Essa escola está situada na Rua Luiz Grande, s/n, no Bairro Frei Damião, tendo sido fundada no ano de 1991 e inaugurada em 1998, autorizada pela resolução nº 211/2001- CEE, em 20 de Setembro de 2001.

A referida escola funciona há 14 anos, ofertando o Ensino Fundamental Agrotécnico do 6º ao 9º ano com o total de 272 educandos, sendo 70% da zona rural e 30% da zona urbana, distribuídos em dois turnos, manhã e tarde, funcionando com 10 turmas, sendo difundidas 7 turmas pela manhã e 3 turmas no turno da tarde, com um total de 20 docentes em sua maioria, graduados. A escola foi fundada com o objetivo de atender aos educandos filhos de agricultores, no sentido de orientá-los e capacitá-los para desenvolverem técnicas adaptadas à sua realidade, de maneira que pudessem praticar um manejo sustentável do meio ecologicamente equilibrado.

A escolha desta escola foi basicamente por apresentar uma boa estrutura física e organização administrativa, pelo fato também de já existir uma parceria entre esta e a Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, *Campus* de Sumé (PB), por meio da execução de Projetos de Extensão e de Iniciação à Docência, facilitando, com isso, o acesso ao corpo docente e ao discente.

Para este estudo foram observadas duas turmas do Ensino Fundamental II dos respectivos anos 8º A e 9º A, durante as aulas de Língua Portuguesa, sob a regência de duas

professoras, sendo uma em cada turma. As docentes colaboradoras desta pesquisa são formadas em Letras, com licenciatura plena, ambas já atuam na área há mais de 10 anos, com uma carga horária de 12 horas semanais. As duas turmas nas quais a pesquisa fora realizada, são compostas, em média, por 30 educandos. Estes, em sua maioria, são oriundos da zona rural, haja vista que as observações foram realizadas no turno da manhã destinado primordialmente aos educandos das comunidades rurais.

3.3. COLETA DE DADOS

3.3.1. OBSERVAÇÕES DE AULAS

As observações das aulas aconteceram no período de 15 de julho a 20 de agosto do corrente ano (2013) durante os horários das aulas de Língua Portuguesa e de acordo com a disponibilidade das professoras. É importante destacar que houve uma boa receptividade tanto por parte das professoras como dos educandos que nos forneciam informações referentes às atividades realizadas pelas professoras. Estas observações consistiram em observar a dinâmica envolvida nas aulas de análise linguística, o trabalho com a leitura, a produção textual e a inserção dos gêneros textuais nas aulas, bem como os procedimentos utilizados pelas professoras nas aulas de gramática.

Foram observadas 10 (dez) aulas geminadas, totalizando 20 aulas, sendo que 10 (dez) aulas foram observadas na turma do 8º ano A e as outras 10 (dez) aulas na turma do 9º ano A do Ensino Fundamental II, no período matutino. Estas observações possibilitaram perceber como o ensino da gramática está sendo abordado na escola, ou seja, se é um ensino estereotipado apenas nos moldes tradicionais ou se os professores já realizam um trabalho mais contextualizado, fazendo uso dos gêneros textuais e partindo das situações cotidianas (situações de uso efetivo da língua), levando o aluno ao domínio de elementos linguísticos e de recursos gramaticais da língua necessários ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Isso implica considerar, também, se as aulas de análise linguística situam a gramática como colaboradora do processo de comunicação entre os usuários da língua.

Diante do exposto, pudemos constatar nas observações realizadas que os procedimentos e metodologias utilizados no ensino da gramática, nas aulas de Língua Portuguesa, em sua maioria, continuam centrados na acepção de gramática tradicional, embora uma das professoras, aqui designada como P1, tenha um trabalho mais dinâmico,

interativo, sempre procurando em suas explicações remeter a situações do cotidiano dos alunos, possibilitando que eles reflitam sobre o processo de construção da comunicação. Mesmo assim, apesar deste direcionamento ao fazer esse trabalho de reflexão com os alunos, alguns exercícios aplicados pela docente restringem-se a uma abordagem tradicional em que se prioriza a classificação de termos sintáticos, morfológicos, enfim, atividades que não levam os alunos a refletirem sobre o uso da língua.

Como exemplo desta atividade seguem descritas abaixo algumas questões do exercício de fixação sobre *Orações Subordinadas Substantivas* por meio das quais a professora pede que os alunos se agrupem para facilitar o desenvolvimento da atividade, e que identifiquem e classifiquem as orações como: subjetiva, objetivas direta e indireta, predicativas, entre outras classificações.

Segue o referido exercício¹ para melhor visualização e entendimento do procedimento adotado pela Professora.

Ex: Orações Subordinadas Substantivas

Exercício de fixação:

1. “Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais.**” A oração destacada é:
2. “Estou seguro **de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios** para realizar semelhante medida.” A oração em destaque é substantiva:
3. Há oração subordinada substantiva apositiva em:
 - a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde podemos falar à vontade?
 - b) Ninguém reparou em Olivia: a todos andavam como pasmados.
 - c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
 - d) Em verdade, eu tinha fama e era visto valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
 - e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

Este exercício demonstra apenas o uso de classificações em frases isoladas, sem um contexto, e desprovidas de significação, evidenciando um ensino de gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, sem que haja uma relação com o uso efetivo da língua.

¹ Cf. no **Anexo - A** o exercício na íntegra.

Em outro momento de observação, a mesma professora que antes tinha trazido para a sala uma atividade de metalinguagem, apresentou uma atividade contextualizada partindo de um texto (Anexo B) cujo tema era “Ser aluno ou ser estudante”. Nesse momento, entregou uma cópia do texto para classe e, antes que todos fizessem a leitura, a professora abordou em sua explanação uma situação muito corriqueira para os estudantes: o ato de preencher um formulário. Falou a respeito do preenchimento de um formulário, indagando sobre o que os alunos colocavam no item profissão: estudante ou aluno? Os alunos diante desta indagação responderam que colocavam os dois, já que as duas palavras equivaliam ao mesmo sentido.

Perante as respostas dos alunos, a professora aproveitou e trabalhou um pouco de gramática introduzindo o assunto “sinônimo e antônimo”, e fazendo com que eles identificassem os termos estudante e aluno como sinônimos ou antônimos. Os alunos, após refletirem sobre os significados dos termos estudados, perceberam que eram sinônimos, pois eram palavras similares, exemplificando por meio de uma música dos cantores sertanejos Chitãozinho e Xororó que fala que “sinônimo de amor é amar”. Fica claro que foi uma aula bem atrativa e relevante para os alunos, pois eles puderam partir de situações que eles conhecem para chegar a um conhecimento mais amplo.

Dando sequência à atividade, todos leram o texto procurando refletir sobre as diferenças entre as palavras, criando a expectativa de formularem para si o conceito sobre os termos estudados (estudante e aluno) e, após a leitura e entendimento, a professora solicitou que todos os alunos produzissem um texto a partir do questionamento “Ser aluno ou ser estudante?” Todo este trabalho de gramática e leitura foi conduzido de forma oral, apenas a produção de texto foi de forma escrita.

Relatando-se mais uma situação de observação de aula, agora com relação a outra professora designada como P2; nesse caso, diferentemente do relato acima, não foi possível verificar nenhuma situação de trabalho contextualizado, embora a docente enfatizasse em sua fala que seu trabalho com a gramática era realizado de forma contextualizada e interativa. Assim, durante as aulas observadas, a referida professora mostrou-se muito presa ao livro didático na íntegra, realizando muitas atividades de metalinguagem que não faziam sentido para os alunos, não tinham nenhuma aplicação diária ou relação com as atividades de leitura e de escrita. A docente adotava concepções tradicionais de língua, linguagem e de gramática que não levam em consideração o uso efetivo da língua em toda sua potencialidade, nem os objetivos do ensino de língua.

Outra atividade que pode ser citada em relação à metodologia adotada pela professora P2 é o trabalho com o gênero textual “anúncio publicitário” registrado no livro didático, por

meio do qual a professora trabalha o conceito partindo de um exercício do próprio livro. É preciso salientar que o fato de a professora adotar o livro didático como instrumento para sua prática pedagógica não tem nenhuma implicação negativa, desde que faça uso também de outros recursos didáticos a exemplo de gêneros textuais que circundam o universo dos alunos, trabalho com músicas, filmes, vídeos, jogos educativos, tecnologias (Internet), data show, entre outros recursos didáticos, que possibilitam uma maior interação na aula, um trabalho mais produtivo com as práticas de leitura e escrita, possibilitando, ainda, maior compreensão do conteúdo estudado. Resta considerar que a maneira de trabalhar os conteúdos deve ser redirecionada para além de uma postura mecanicista de análise da língua. A professora deverá permitir em suas aulas que os alunos se expressem, reflitam sobre os exercícios e as respostas, sobre o uso de regras, sobre a formulação de conceitos, não fornecendo as respostas prontas trazidas pelo livro do professor.

O que chamou a atenção é que quando os alunos não conseguiam responder ou respondiam os exercícios de forma errada, a professora tinha sempre uma frase “não vai passar, aluno que não sabe escrever e nem ler”. Ela sempre dizia isso quando estava fazendo as correções das atividades. A frase soava como uma espécie de ameaça o tempo todo. Era perceptível que, embora os alunos errassem na escrita, faziam trabalhos diversos com muito empenho a exemplo de criações de anúncios publicitários na linguagem verbal e não verbal. Entretanto, isso não era levado em consideração pela professora. Neste sentido, cabe à professora desenvolver um trabalho mais efetivo que faça sentido para os alunos, isto é, um trabalho que também seja intermediado pela afetividade e permeado por incentivos em relação ao progresso dos alunos nas atividades de leitura e de escrita, e análise linguística, não apontando só erros, penalizando e ameaçando. Esse trabalho possibilitará a ampliação da capacidade de comunicação e a habilidade no uso de recursos gramaticais da língua oral e escrita.

Sabe-se que é dever das aulas de Língua Portuguesa fazer com que os alunos cheguem aos usos sociais da língua e é considerando estes aspectos que os PCN's prezam e afirmam que:

As práticas de linguagem são uma totalidade; não podem na escola, ser apresentadas de maneira fragmentada, sob pena de não se tornarem reconhecíveis e de terem sua aprendizagem inviabilizada. Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em 'texto', 'tópicos de gramática' e 'redação', fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas no ambiente escolar devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si (BRASIL, 1998, p.36).

Entretanto, o que se constata na realidade é a realização de um trabalho fragmentado por meio do qual os professores vêm trabalhando a Língua Portuguesa no âmbito escolar, contribuindo cada vez mais para o artificialismo da disciplina, não havendo uma articulação entre as atividades desenvolvidas em sala de aula no que concerne às dimensões do estudo da língua e às práticas de linguagem. É necessário não apenas um trabalho contextualizado com a gramática nas aulas de Língua Portuguesa, mas também que o professor, a todo o momento, desenvolva um trabalho pautado na integração entre a gramática, a produção de textos, a leitura, a fim de que se oportunize o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. E, é nessa perspectiva de inter-relação entre as várias dimensões do ensino de língua que se pretende contribuir, a partir desta pesquisa.

É com base nessa integração de conteúdos que não devemos negar a importância de se trabalhar no âmbito escolar com a diversidade de gêneros textuais. Em relação a este aspecto, os PCN's descrevem:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p.24).

Com isso, os PCN's sugerem que, em sala de aula, deve predominar o trabalho com textos utilizados no cotidiano do aluno que tenham uma interlocução real, e não a produção artificial de textos sem um destinatário específico. Obviamente, os alunos deverão entrar em contato com outros gêneros utilizados em outras situações de comunicação. Além disso, é importante que o aluno saiba a função da escrita, a finalidade, o destinatário, ou seja, escrever bilhetes para os pais, amigos, vizinhos etc., produzir convites para eventos, elaborar atas de reuniões, fazer listas diversas, produzir requerimentos, dentre outros gêneros dos quais fazemos uso com mais frequência. É preciso que os alunos compreendam que é através de textos orais e escritos que as pessoas se comunicam.

3.3.2. QUESTIONÁRIOS

Uma das intervenções utilizadas na pesquisa de campo foi a aplicação de questionários aos alunos e professores. Gil (2008), em seu livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social”, traz uma definição precisa sobre o objetivo do questionário em uma pesquisa, definindo-o como:

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (GIL, 2008, p. 121).

A partir deste conceito observa-se que o questionário pode servir como um instrumento de investigação para coleta de informações diversas em relação a determinadas pessoas, possibilitando fazer um levantamento de dados necessários ao conhecimento de aspectos relacionados ao objeto de estudo ou ao campo da pesquisa. Além disso, esses dados não estão prontamente disponíveis, não sendo possível, por isso, a obtenção desses elementos por meio da observação direta.

Assim, com a finalidade de obtermos maiores informações acerca das concepções de ensino de gramática, de procedimentos e métodos utilizados nas aulas de Língua Portuguesa pelas professoras, e a fim de identificar as opiniões dos alunos acerca desse ensino oferecido nas escolas, sentiu-se a necessidade da aplicação de questionários.

O questionário dos professores continha um total de 7 (sete) perguntas distribuídas em questões abertas, possibilitando respostas livres e sem um prévio direcionamento. As perguntas giraram em torno das concepções adotadas pelas professoras em relação ao ensino da gramática, ou seja, se esse ensino promovia a interação social ou, se era apenas um ensino estereotipado nos moldes de uma gramática classificatória, e quais seriam as implicações desse ensino para o desenvolvimento de habilidades linguísticas como a leitura e a escrita. O questionário dos alunos contava com um total de 6 (seis) questões abertas e semiabertas, possibilitando respostas diretas e mais livres para a pesquisa, com o propósito de identificar as inquietações ou sugestões dos alunos a respeito do ensino de Língua Portuguesa.

Passa-se, primeiramente, à análise dos questionários atribuídos às docentes. Sendo assim, a partir das respostas apresentadas pelas professoras foi possível identificar posicionamentos, ideias, condutas, dentre outras questões, em relação ao ensino de gramática.

Após a aplicação do questionário, destacamos algumas perguntas e respostas julgadas relevantes para a discussão proposta pelo trabalho. As respostas apresentam-se após cada pergunta e as professoras são identificadas por **P1** e **P2**.

Qual o papel ou função do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa?

P1- “Mostrar para o aluno que a língua a todo momento está se modificando. Sujeita as variações e mudanças na escrita e na fala”.

P2- “Levar aos alunos os conhecimentos necessários da sua língua materna”.

O ensino de gramática é contextualizado?

P1- “Sempre procuro fazer adaptações com gêneros textuais que circulam no nosso dia a dia. O livro didático (adotado) não contempla esses textos”.

P2- “Sim, a partir do momento que trabalhamos a contextualização dos conteúdos gramaticais da leitura, escrita e na análise linguística”.

Quais são os objetivos do ensino de gramática?

P1- “É unir a norma culta com a norma coloquial, sem criar traumas e/ ou defasagem no aprendizado”.

P2- “O aluno aprende as normas de bom uso da língua, para falar e escrever bem, de acordo com a variedade culta, padrão. Levar também o aluno a identificar os elementos linguísticos”.

O que se aprende nas aulas de gramática tem uma utilidade dentro e fora da sala de aula para o aluno? Justifique.

P1- “Sim, reconheço que a língua é relevante para a comunicação social. É a gramática que determina suas regras de uso e de funcionamento. Nessa concepção é correto afirmar sua utilidade porque está presente no nosso dia a dia quando falamos, ouvimos, lemos e escrevemos”.

P2- “Sim, desde que os alunos coloquem em prática as normas no seu convívio, desenvolvendo a fala e a escrita que aprenderam na sala de aula”.

A partir das respostas apresentadas pelas professoras, sujeitos desta pesquisa, foi possível identificar e analisar a concepção que cada uma tem sobre o ensino de gramática.

Com base nas respostas contidas no questionário, percebe-se uma visão do ensino de gramática de forma contextualizada, levando o aluno a interagir entre os mais variados tipos de gêneros, partindo de textos e de situações vivenciadas pelos estudantes, o que resulta no uso da língua de modo efetivo. Com relação ao uso de gêneros diversos na sala, no momento das observações, percebemos que essa é uma prática desenvolvida pela professora **P1**, condizendo com sua resposta. Observou-se que a professora **P2** não realiza o trabalho efetivo com gêneros diferenciados dos adotados nos livros didáticos, ao trabalhar o gênero não cria

situações de interação, apenas classifica junto à turma sua estrutura e, ao fazer atividades, não se preocupa com a criatividade dos alunos, apenas com as regras, ou seja, a gramática normativa. Vale salientar que a professora **P2** não possibilita aos alunos o conhecimento da diversidade de gêneros utilizados no dia a dia, contemplando apenas os gêneros apresentados nos livros didáticos, os quais, na maioria das vezes, não condizem com a realidade do aluno.

Neste sentido, a professora **P2** poderia desenvolver atividades com os gêneros de textos que circundam a realidade dos alunos e que estão sempre sendo utilizados em alguma situação de comunicação. Só assim essas atividades fariam sentido para os sujeitos leitores e produtores de textos, deixando de lado a artificialidade do ato da escrita desvinculada de um contexto específico de uso. Isso facilitaria a aprendizagem da estrutura dos gêneros mais utilizados, sem a preocupação apenas com a classificação de elementos gramaticais em textos selecionados somente em função disso. Em consequência, o trabalho com os recursos gramaticais da língua e com o uso de elementos linguísticos poderia ser explorado de forma mais significativa.

Quando questionadas a respeito dos objetivos do ensino de gramática, o que chamou atenção foi que ambas as professoras enfatizaram que o objetivo seria levar os alunos a aprenderem, unindo a norma culta à norma padrão. No entanto, a professora **P2** acrescenta que o aluno aprende as normas de bom uso, para falar bem e escrever bem. Isto só afirma que a referida professora, mesmo enfatizando em algum momento do questionário que trabalha de maneira contextualizada, fundamenta seu trabalho com a gramática em uma visão tradicional, visando apenas ditar normas, regras a respeito do que está certo ou errado, classificações, sem desenvolver nos alunos o hábito de reflexão sobre o ensino de gramática para suas vidas.

Em outra questão abordada sobre “o que se aprende de gramática na escola tem alguma utilidade para o aluno fora dos muros da escola”, todas reconheceram que sim, há uma utilidade, basta que os alunos apliquem os conhecimentos aprendidos na sala de aula, ou seja, as regras de uso para que se desenvolva a fala e a escrita, isso segundo a professora **P2**, e a professora **P1** enfatizou que o uso da gramática tem uma utilidade, porque está presente no dia a dia, seja na situação oral ou escrita.

Diante do exposto, é possível perceber que a concepção da professora **P1** com relação ao ensino de gramática deságua em uma gramática mais contextualizada, embora em alguns momentos a professora trabalhe com atividades de metalinguagem. Em sua prática, nota-se ainda que ela procura explorar os conhecimentos que os alunos já dominam, ou seja, procura a todo o momento, explorar o que eles sabem sobre determinado assunto para partir do que eles não sabem e, com isso, desenvolver o seu trabalho. Já em relação à professora **P2**, observa-se

que seu trabalho é mais voltado para um trabalho tradicional, apenas ditatório de regras, não havendo interação em suas aulas com aspectos vivenciados pelos alunos, embora a mesma tente, em algumas situações, inovar a sua prática.

Constata-se que a maior parte das atividades realizadas em sala de aula não condiz com a realidade e o objetivo do ensino de língua nas escolas. Isso significa que os alunos não são levados à compreensão das variações linguísticas existentes, ao uso efetivo da língua em determinados contextos, tendo implicação negativa para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, demonstrando que os professores ainda desenvolvem um ensino de Língua Portuguesa dicotômico, ou por considerarem mais fácil trabalhar dessa forma, ou então, por desconhecerem as propostas postuladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que propõem justamente o contrário.

Além disso, o questionário aplicado nos possibilitou uma visão mais geral de um ensino gramatical que está passando por diferentes mudanças em sua aplicação, já se percebe que os professores, de uma maneira ou outra, estão integrando em suas aulas uma gramática contextualizada que vislumbra a interação social. Embora existam ainda alguns professores que trabalhem de maneira mais tradicional, percebe-se que os seus argumentos já prezam por um ensino diferenciado, partindo das situações sociais de uso da língua. Só assim teremos o ensino de língua nas escolas que almejamos e o trabalho com a gramática vista não apenas como um manual prescritivo, possibilitando que o sujeito tenha vez e voz, tornando-se um sujeito crítico que saiba se colocar diante das várias situações linguísticas. Ou seja, um ensino de Língua Portuguesa centrado em práticas discursivas significativas, voltado para o uso e o funcionamento efetivos da linguagem. Este ensino deve proporcionar ao aluno o manuseio da linguagem por meio de práticas de escuta, leitura e produção de textos sejam orais ou escritos, bem como a reflexão sobre a língua. São os dois eixos propostos pelos PCNs: o uso e a reflexão.

Com relação ao questionário aplicado aos alunos das turmas do 8º e 9º anos, ficaram evidentes as aceções e as opiniões que os mesmos trazem a respeito do ensino de Língua Portuguesa ofertado no âmbito escolar. Dentre as questões elaboradas, destacamos as mais relevantes para analisar. Gostaríamos de frisar que, na transcrição das falas dos alunos, respeitamos a escrita dos mesmos e não procedemos a correções ortográficas, semânticas, dentre outras. Em relação à primeira questão, que diz respeito às aulas de Língua Portuguesa, ou seja, “o que os alunos imaginam que vão aprender”, dos quinze (15) informantes nove (9) disseram que acreditavam que aprenderiam a se expressar melhor, a ler, escrever e falar bem, a conhecer as regras gramaticais, aprenderiam a escrever um texto, e conheceriam novas

expressões para o dia a dia. Um (1) informante não respondeu a questão e cinco (5) disseram que iriam aprender coisas importantes, porém não souberam discriminar o que eles achavam importante para o ensino de Língua Portuguesa, a exemplo das respostas: “Muitas coisas importantes”; “Eu imagino que vou aprender muitas coisas legais”. Nessas duas últimas respostas observamos ideias vagas e gerais que não dão margem à identificação de elementos precisos.

Dessa forma, pudemos verificar que a maioria dos alunos concebe o estudo de Língua Portuguesa respaldado em uma gramática mais normativa, através da qual se aprende a utilizar as regras gramaticais, a falar, ler e escrever bem.

O segundo questionamento relevante refere-se ao gosto dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa da forma como são repassadas. Dentre os respondentes, oito (8) disseram que sim, justificando que nas aulas aprendiam coisas novas e a se expressarem melhor; um (1) respondeu que gostava raramente, não justificando sua resposta; quatro (4) dos respondentes disseram que às vezes gostavam, justificando que as aulas em alguns momentos eram chatas, e dois (2) responderam que não gostavam das aulas, alegando como justificativa a professora.

Outra questão salientada no questionário foi se os informantes conseguiam aplicar no dia a dia o que era estudado nas aulas de Língua Portuguesa. Dentre os informantes, quatorze (14) disseram que conseguiam aplicar e um (1) não respondeu a questão. Os respondentes que afirmaram conseguir aplicar no seu dia a dia o conteúdo estudado na sala de aula justificaram suas respostas sem tanta precisão, como podemos ver a seguir: “Eu tento compreender e lembrar sempre do ensino dos dias anteriores”; “Sim eu comento com os amigos em casa e agente tira dúvidas, mas um tira as dúvidas do outro”.

A respeito da importância do ensino da disciplina de Língua Portuguesa todos os respondentes afirmaram que consideram o ensino da disciplina importante, tendo como justificativa as seguintes respostas: “Sim, pois é a ferramenta principal para o desenvolvimento da leitura e escrita”; “É importante porque nós aprendemos a falar direito”; “Sim porque sem ela não tem como agente falar correto escrever correto e ler, por isso sem o português agente não vive bem no dia a dia”.

A partir das respostas apresentadas foi possível verificar que, a maioria dos respondentes considera o ensino de Língua Portuguesa importante. Verificamos, ainda, que a maioria dos alunos considera que a importância do ensino de Língua Portuguesa está relacionada apenas a dimensões do ensino da fala, da escrita e da leitura, como se fossem os únicos objetivos do ensino de Língua Portuguesa e que o desenvolvimento dessas habilidades fosse respaldado unicamente pelo conhecimento da aquisição das regras gramaticais com as

quais os alunos lidam diariamente no âmbito escolar. Percebemos, com isso, que eles desconhecem uma visão mais abrangente do ensino de língua em função da interação social em situações específicas de comunicação, ignorando os usos sociais da língua.

Em outro momento, quando questionados sobre o gosto pela disciplina ou não, a maioria dos respondentes informou que sim, que gostava da disciplina. No entanto, em algumas respostas, verifica-se a expressão de um ensino metodologicamente desinteressante, fundamentado apenas na prescrição de normas e que não possibilita o desenvolvimento do aluno.

Diante das respostas obtidas através do questionário dos alunos, de maneira geral, pode-se inferir que os alunos, mesmo reconhecendo a importância do ensino de Língua Portuguesa, não conseguem apresentar uma justificativa precisa para esse ensino. Desse modo, acreditamos que cabem aos professores desenvolverem um ensino mais atrativo repensando a sua prática docente enquanto professores de Língua Portuguesa e a eficácia dos métodos de ensino utilizados nas salas de aula de língua materna, para que, a partir dessa reflexão, desenvolvam um trabalho mais centrado e voltado para o funcionamento efetivo da língua.

4 REPENSANDO O TRABALHO COM A GRAMÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

A partir das considerações estabelecidas nesta pesquisa com relação ao ensino de gramática, pretende-se propor alguns exemplos de como se trabalhar com uma gramática contextualizada nas escolas, considerando os usos sociais da língua. Para isso, partiremos das considerações de Antunes² (2003).

Antes de mencionarmos alguns exemplos sugeridos pela autora para elucidar o trabalho com a gramática, em uma perspectiva que leve em consideração as situações de comunicação, ou seja, o uso efetivo da língua, é importante lembrarmos como esse ensino está sendo abordado atualmente.

Vimos que o ensino de gramática nas escolas é um ensino descontextualizado, haja vista que a gramática é ensinada por meio de frases e palavras soltas, desvinculadas do contexto dos educandos, fazendo com que esses educandos sejam capazes de estabelecerem nomeações e classificações de elementos linguísticos, sem, no entanto, adquirirem habilidades específicas necessárias ao uso de elementos linguísticos e de recursos gramaticais em situações de uso efetivo da língua. Dessa forma, observa-se que o ensino de gramática proposto pauta-se em um modelo estereotipado, levando o aluno à exploração, apenas, de aspectos gramaticais, de regras e tipologias por meio de exercícios de metalinguagem. Essas atividades exigem apenas que o aluno tenha o trabalho de grifar, circular as unidades gramaticais fora de um contexto de uso efetivo da língua, sem levar em consideração que o processo de comunicação ocorre através de textos, sejam estes orais ou escritos. Portanto, cabe à escola fazer com que os alunos compreendam que o processo de comunicação ocorre através do texto, e isso justifica o uso do texto no processo de ensino de Língua Portuguesa, a fim de tornar possível a formação de sujeitos leitores e escritores críticos.

O que se pode perceber é que, em muitos casos, o trabalho recorrente com a gramática normativa por meio de prescrição de regras, tipologias, nomenclaturas etc., que é repassado nas escolas, é uma cobrança instituída pelos currículos escolares (Plano de Curso, fluxograma), e também uma imposição por parte da direção da escola, da equipe pedagógica no próprio planejamento que se faz acerca dos conteúdos específicos. Conteúdos que são cobrados nos vestibulares, em concursos públicos, e em outras situações. Assim é que

² ANTUNES, Irlandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Travaglia (2009) critica a escola destacando que esta tem o ensino gramatical como cumprimento do programa, não atendendo às dificuldades apresentadas pelos alunos no uso da linguagem como processo de interação.

Para Possenti (1996), a função da escola é trabalhar a língua padrão, ou pelo menos, fornecer oportunidades para que ela seja adquirida, já que as crianças adquirem e usam a língua de forma natural, sem que precisem ser ensinadas, e possuem sua gramática internalizada. Constata-se, então, que o ensino de gramática não se dá de maneira produtiva, pois, não desenvolve a competência comunicativa dos alunos para que estes saibam como se expressar nas diversas situações de comunicação verbal.

No sentido de ampliar a competência comunicativa dos alunos, Antunes (2003) retrata que a aula de Língua Portuguesa deve oportunizar o desenvolvimento de habilidades linguísticas como a fala, a leitura e a escrita, sendo necessário que se mudem não só as técnicas de ensino, mas também o foco de estudo para além da prescrição de normas e do exercício da metalinguagem. A autora enfatiza que “[...] a mudança no ensino do português não está nas metodologias ou nas “técnicas” usadas. Está na escolha do objeto de ensino, daquilo que fundamentalmente constitui o ponto sobre o qual lançamos os nossos olhares” (ANTUNES, 2003, p. 108).

Sendo assim, a escola precisa mudar a sua concepção de gramática classificatória e prescritiva e passar para a perspectiva do trabalho com a língua na sua situação de uso, ou seja, a língua em função, tomando a língua em seu uso social e efetivo. Para que esse objetivo seja alcançado o professor deve trabalhar nas aulas de Língua Portuguesa, segundo Irandé Antunes (2003), com textos os mais variados possíveis, pois só assim estará envolvendo os alunos nas mais diversas situações de interação, já que a língua funciona em textos orais e escritos, sendo possível compreender os sentidos e os significados que as palavras transmitem, e, com isso, o aluno terá uma visão plena da língua.

Ainda segundo a autora, o trabalho com o texto não deve ser entendido como mais uma forma de se trabalhar a nomenclatura, classificações e funções dos elementos linguísticos, isto é, explorar apenas questões gramaticais, já que, neste caso, “o texto, serve, portanto, apenas para ilustrar uma noção gramatical e não chega assim a *ser o objeto de estudo*” (ANTUNES, 2003, p. 109). Nesta perspectiva de trabalho, o texto acaba sendo um pretexto e não a finalidade do ensino e, é se pautando na finalidade do ensino que deve ser trabalhado o texto, pois, ainda segundo a autora, “o texto é que vai conduzindo nossa análise, em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência, enfim” (Ibid, p. 110).

Neste sentido, o programa para uma aula de português abrangeria as competências comunicativas como falar, ouvir, ler e escrever textos em Língua Portuguesa. Estas quatro competências comunicativas são descritas por Antunes (2003):

A fala, a escuta, a escrita e a leitura de que falo aqui são necessariamente de textos; se não, não é linguagem. Assim, é nas questões de produção e compreensão de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua. Ou melhor, *é o uso da língua – que apenas se dá em textos - que deve ser o objeto – digo bem, o objeto - de estudo da língua* (ANTUNES, 2003, p. 111).

Com isso, fica evidente que a língua funciona em textos e, por esta razão, o trabalho com a língua, no âmbito escolar, deve partir dos textos, possibilitando o desenvolvimento da competência comunicativa e de habilidades linguísticas. Para o desenvolvimento dessas habilidades, o professor pode realizar inúmeras atividades que levem o educando ao uso efetivo da língua, nas mais diversas situações de comunicação, por meio de textos orais e escritos. Com base nestas atividades, Antunes (2003), faz algumas sugestões de atividades para desenvolver cada habilidade partindo do texto. Seguem descritos, abaixo, alguns exemplos:

4.1. HABILIDADES DE FALAR E OUVIR

Para desenvolver as habilidades de falar e ouvir, o professor deve oferecer atividades que possibilitem aos alunos a participação efetiva nas situações de comunicação em público. Para essa proposta, Antunes (2003), destaca algumas atividades que auxiliam os alunos a desenvolverem essas habilidades:

- Contar histórias, inventando-as ou reproduzindo-as;
- Relatar acontecimentos;
- Debater, discutir acerca dos temas mais variados;
- Argumentar (concordando e refutando);
- Emitir opiniões;
- Dar depoimentos;
- Criticar pontos de vista de outro [...] (ANTUNES, 2003, p. 111-112).

Estes exemplos acima permitem que os alunos se envolvam em situações de interação social, fazendo uso dos mais variados textos, exercitando as habilidades de falar em público, e aprendendo também a ouvir quem está falando, pois o exercício “de ouvir constitui parte da

competência comunicativa dos falantes, uma vez que ele implica um exercício de ativa interpretação” (Ibid, p. 112) dos usos da língua. Sendo assim, as atividades devem mostrar e despertar nos alunos o fato de que existem alguns acordos sociais, convenções para se falar diante de um público, ou seja, o professor pode pedir para que o aluno ao se expressar use a fala formal ou a fala informal, mostrando a variabilidade de utilização que a língua pode ter, de acordo com as diferentes situações de comunicação.

4.2 HABILIDADE DE ESCRITA

Dando sequência à descrição das atividades que contribuem para o desenvolvimento de competências linguísticas, no caso agora da escrita, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de trabalharem com diversos gêneros textuais. Seguindo a proposta de Antunes (2003), o professor deve promover ocasiões de produção de textos diversos a exemplo de:

- Listas (de materiais, livros, de assuntos estudados, de eventos realizados etc.);
- Pequenas informações aos pais e a outras pessoas da comunidade escolar;
- Convites;
- Avisos;
- Anotações de ideias básicas de textos informativos (a este propósito, vale lembrar a vinculação que o professor deve estabelecer entre o português e outras disciplinas);
- Projetos de pesquisas;
- Relatórios de experiências ou de atividades realizadas;
- [...] (ANTUNES, 2003, p. 113-114).

Com base nos exemplos é notável o trabalho com a escrita contextualizada, partindo das situações da vida dos estudantes, levando-os a compreenderem o sentido do que estão fazendo, abandonando “*a escrita vazia, de palavras soltas, de frases inventadas* que não dizem nada porque não remetem ao mundo da experiência ou da fantasia dos alunos” (Ibid, p.115).

É preciso ensinar ao educando que o processo de escrita envolve vários aspectos desde o planejamento até a etapa final de revisão. Assim, o aluno precisa ter o hábito de planejar o texto, fazer um esboço sobre o que vai escrever, depois, escrever e, em seguida, revisar e reformular seu texto. Importa considerar que o que deve prevalecer no ensino de língua não é a quantidade de textos que o aluno produz e, sim, a qualidade desses textos e o fato de que a

escrita requer um interlocutor real, uma vez que sempre se escreve para alguém e com algum propósito. A escrita vazia, artificial, sem destinatário e objetivos não tem nenhum sentido.

4.3 HABILIDADE DE LEITURA

Por fim, outra habilidade que os educandos devem desenvolver no ensino de Língua Portuguesa é a proficiência em leitura. Os educandos devem ter contato diário com os mais variados gêneros de textos, a fim de adquirirem o gosto pela leitura e desenvolverem o hábito de ler. Seguem algumas sugestões de leituras, conforme Antunes (2003), para a formação da competência leitora:

- Histórias, com ou sem gravuras e em quadrinhos;
- Fábulas;
- Contos;
- Crônicas;
- Poemas;
- Avisos;
- Cartazes;
- Anúncios e mensagens publicitárias (ricos no uso de metáforas, metonímias, homonímias, polissemias etc., pelo que se prestam a análises muito interessantes);
- [...] (ANTUNES, 2003, p.117).

No momento em que o professor proporciona a oportunidade de leitura de diversos gêneros textuais, o aluno é levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta.

Dessa forma, cabe “ao professor ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero textual, desde suas diferenças de organização, de sequenciação até suas particularidades propriamente linguísticas” (Ibid, p. 118). Dessa maneira, o aluno ampliará sua visão de uso da língua, ou seja, deixará de ver a língua apenas como um conjunto de regras ou como um manual que contém erros, acertos, exceções, e passará a ver que a língua que ele estuda é a mesma língua que circula em seu meio social.

As atividades propostas por Antunes (2003) para o ensino de Língua Portuguesa nas escolas permitem que os educandos desenvolvam as competências linguísticas e se tornem sujeitos ativos perante a sociedade, fazendo com que os alunos se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem, com capacidade de reflexão sobre o uso de elementos da língua em

detrimento de um contexto específico, levando-os também ao entendimento sobre os usos sociais que fazemos da língua.

4.4 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A partir da discussão estabelecida no item acima sobre as várias atividades que o professor de Língua Portuguesa pode desenvolver na sala de aula para trabalhar o ensino da língua, foi possível observar que a diretriz desse ensino é o texto. Constatamos ainda que a aula de gramática deve ser um momento de reflexão e não de opressão, cabendo ao professor conduzir o ensino fazendo com que os alunos reflitam sobre os textos orais e escritos, compreendendo a função dos elementos linguísticos e adquirindo o manejo dos recursos gramaticais da língua. Por meio desta perspectiva de estudo, os alunos, automaticamente, aplicarão as noções gramaticais adequando-as ao momento da comunicação.

Outra proposta que pode ser adotada no trabalho com a língua fundamenta-se na interpretação textual partindo de um gênero muito conhecido pelos educandos: a música. Esse gênero textual permite que o professor possa trabalhar de várias formas na sala de aula, pois, através, dela o aluno pode praticar a leitura, a escrita, a escuta e a oralidade, podendo desenvolver as quatro habilidades envolvidas no ensino da língua. Por meio desse gênero, o professor poderá fazer uma atividade de análise da letra da música, os sentidos e os significados impressos nesse gênero, resultando em um trabalho muito produtivo.

A fim de exemplificar essa proposta segue descrita abaixo uma dentre as várias possibilidades de atividades que o professor poderá desenvolver na sala de aula, permitindo que os alunos interajam em várias situações de comunicação.

Sugerimos, então, como recorte o trabalho com a música de Luiz Gonzaga “Asa Branca” que possibilitará ao professor desenvolver uma atividade centrada na variação linguística, levando os alunos a perceberem que a língua varia de acordo com o contexto no qual estamos inseridos. Isso implicará no fato de que, em algumas situações de uso da língua, haverá a necessidade do uso formal, enquanto em outras o emprego poderá ser mais informal.

Asa Branca - Luiz Gonzaga³

Composição: Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira

Quando “oiei” a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu “preguntei” a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação

Eu “preguntei” a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que “fornaia”
Nem um pé de “prantação”
Por “farta” d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

“Inté” mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
"Intonce" eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

"Intonce" eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para mim “vortar” pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
Para mim “vortar” pro meu sertão

³ GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **Asa branca**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso em: 05 set. 2009.

Quando o verde dos teus “oio”
Se “espaia” na “prantação”
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu “vortarei”, viu
Meu coração.

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu “vortarei”, viu
Meu coração.

A partir da letra desta música, o professor pode levar o aluno a tentar refletir sobre questões relacionadas ao uso da língua padrão e coloquial. Como parte do desenvolvimento da atividade, os alunos poderão ouvir a música, em seguida, o professor levará os alunos a refletirem sobre o conteúdo, a mensagem repassada pela música, bem como discutir o porquê das variações linguísticas encontradas no texto. Neste momento, o professor, como mediador, deverá chamar à atenção dos alunos explicando o contexto de inserção da música, a região, a temática, destacando os falares regionais, a peculiaridade do vocabulário etc. O professor poderá também, por meio desta atividade, levar os alunos a reescreverem a música adequando à norma culta. Obviamente, há uma infinidade de possibilidades outras para a realização do trabalho com a língua por meio não só de letras de músicas regionais ou nacionais que envolvam temáticas diversas presentes no cotidiano dos alunos, mas também de crônicas, contos, poesias, fábulas, dentre outros gêneros textuais. Esta é apenas uma exemplificação à qual podem ser acrescentados outros elementos de análise.

Com esta proposta de atividade, pautada no uso do texto para o ensino da língua materna, fica evidente que a aula se torna um momento realmente de aprendizagem, em que o aluno é levado a refletir sobre o funcionamento da língua, não encontrando algo pronto e acabado que não contribui para a formação de sujeitos críticos e conscientes do uso da língua, ante uma situação de interação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões propostas neste trabalho tiveram a intenção de identificar questões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, ao ensino de gramática (análise linguística). Dentre as questões a serem discutidas, estavam as concepções adotadas pelos professores em relação ao ensino de gramática, a saber, concepções de língua, linguagem e de ensino de língua e, ainda, os posicionamentos dos alunos acerca do ensino de língua a eles ofertado, as dificuldades apresentadas no que concerne ao estudo da gramática proposto na escola, e sua relevância ou aplicabilidade no dia a dia. Além disso, procuramos verificar se as concepções adotadas pelos educadores favoreciam a interação social, o uso efetivo da língua em determinados contextos, ou se eram pautadas na perspectiva de um ensino estereotipado nos moldes de uma gramática classificatória.

Nesta perspectiva, para a obtenção dos resultados, utilizamos como suportes metodológicos as observações no campo de estudo, observações de aulas, a fim de diagnosticar aspectos da prática pedagógica do professor e procedimentos metodológicos aplicados na dinâmica da aula de língua portuguesa. Foram utilizados questionários tanto para os professores quanto para os alunos que nos possibilitaram coletar elementos imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa de campo foi realizada nas turmas do 8º e 9º anos da Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, localizada no município de Sumé-PB.

De forma geral, sem intenção de atribuir generalizações, sabemos que as escolas, no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, pautam-se mais em um trabalho com uma gramática classificatória estereotipada nos moldes tradicionais, embora fique evidente diante dos dados levantados nesta pesquisa, em particular, que as professoras das duas turmas investigadas já concebiam o ensino de gramática fundamentado na perspectiva de interação social, ou seja, tinham consciência de que o ensino de gramática deveria promover o uso efetivo da língua em uma situação de comunicação. Com isso, o aluno deveria ser capaz de adequar a modalidade padrão ou coloquial em detrimento de um contexto específico de uso da língua. Este dado apresentou relevância para o nosso trabalho, pois percebemos que, pelo menos, alguns profissionais que trabalham com o ensino de língua tinham consciência da necessidade de redirecionamento no ensino de língua materna. Há, então, a necessidade de se fazer uso de metodologias que contemplem um trabalho diferenciado, a fim de não reduzir o ensino de língua a atividades mecanicistas que envolvam conceitos, classificações e nomenclaturas, sem nenhuma eficácia para os alunos.

Nesta direção, acreditamos que este estudo será mais uma contribuição para mudarmos as acepções em relação ao ensino de língua portuguesa, mais especificamente, em relação ao ensino de gramática visto nesta perspectiva, isto é, de forma contextualizada. Este ensino deve levar os alunos a serem construtores de seus saberes, e a compreenderem o fenômeno das variações linguísticas. Para tanto, não bastam apenas teorias que atestem a necessidade de um ensino de qualidade e mais participativo, indicando o abandono de um ensino ditatório.

É necessário imprimir mudanças concretas a este ensino por meio de reformulações de conceitos, de concepções que embasam o ensino de língua, a saber, concepção de linguagem não só como instrumento de comunicação, mas como forma ou processo de interação, concepção de língua não como um sistema imutável, mas como um conjunto de variedades seja a língua culta (formal), língua coloquial (informal), ou popular que varia no tempo e no espaço social e, ainda, a concepção de ensino de língua como um ensino produtivo. Para isso, é preciso, ainda, vontade de mudar, de fazer diferente, de proporcionar aos alunos uma educação de qualidade que os possibilite fazerem a diferença na sociedade e não apenas se adequarem a ela.

Dessa forma, caberá a nós, professores e futuros professores, mudarmos esta realidade, oferecendo um ensino que leve os alunos, efetivamente, aos usos sociais da língua e, conseqüentemente, ao desenvolvimento de habilidades e de competências linguísticas para além da análise de elementos gramaticais da língua.

Consideramos que o propósito deste estudo foi alcançado, pois conseguimos visualizar que, embora a prática adotada em relação ao ensino de gramática seja, de certo modo, pautada nos moldes tradicionais de uma gramática classificatória, alguns profissionais já demonstram em suas falas a necessidade da oferta de um ensino contextualizado que faça sentido para os estudantes. Eles entendem, grosso modo, que o trabalho com a gramática deve ir além da análise morfológica, semântica e sintática da língua, ou seja, não terão nenhum significado atividades de metalinguagem, de memorização de classes de palavras, coletivos, conceitos, regras e exceções. É preciso partir do texto para o trabalho com a gramática, afinal a língua funciona em textos por meio dos quais nos comunicamos, sejam estes orais ou escritos. Sendo assim, esperamos que este estudo possa servir como uma sugestão de redirecionamento no ensino de Língua Portuguesa ou, pelo menos, venha suscitar inquietações entre os profissionais da área.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão Social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? um convite à pesquisa**. São Paulo: [s.n], 2001. Disponível em: <<http://www.coedup.com.br/download/gramatica/tradicional.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990. (Coleção repensando a língua portuguesa).
- _____. A Gramática de usos é uma gramática funcional. **Alfa: Revista de linguística**. v. 41, edição especial, 1997. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4029>>. Acesso em: 22 jul. 2013.
- _____. Uma visão geral da gramática funcional. **Alfa: Revista de linguística**. v.38, 1994. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959/3634>>. Acesso em: 18 ago. 2013.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. O ensino pragmático da gramática. In: _____. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 231 - 236.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Gramática:** ensino plural. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
DISCIPLINA: TCC
ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS
GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOPUSA MOURA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL:
SEXO: () MASCULINO () FEMININO
IDADE: 18 e 29 () 30 e 41 () 42 e 53 (X) 54 e 65 () 66 ou mais ()
FORMAÇÃO: <u>ESPECIALIZAÇÃO</u>
ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO(A) () CASADO(A) (X) OUTRO
TEMPO DE SERVIÇO:
() MENOS DE UM ANO () MAIS DE UM ANO (X) OUTRO <u>21 anos</u>

1- Quais as metodologias empregadas no ensino de gramática?
Utilizo os conhecimentos linguísticos trazidos pelos alunos, mostrando aos mesmos que a gramática normativa é uma possibilidade de se comunicar melhor na vida escolar, social e cultural.

2- Qual o papel ou função do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa?
Mostrar para o aluno que a língua a todo momento está se modificando. Sujeita as variações e mudanças na escrita e na fala.

3- O ensino de gramática é contextualizado?

Sempre procuro fazer adaptações com gêneros textuais que circulam no nosso dia a dia. O livro didático (adotado) não contempla esses textos.

4- Você considera que o ensino de gramática contribui para que os alunos tenham um melhor desempenho nas atividades de interpretação e produção de textos?

Afirmo que facilita e favorece quando se conhece a estrutura, o uso e o funcionamento da língua, da gramática nos seus diversos níveis

5- O que é possível fazer para que as aulas de gramática sejam mais atrativas?

Despertar nos alunos a consciência da funcionalidade da leitura e da escrita, e isso só será possível quando levamos em conta, de fato, a bagagem que o aluno já possui.

6- Quais são os objetivos do ensino de gramática?

É unir a norma culta com a norma coloquial, sem criar traumas e/ou (des)afeto de aprendizagem no aprendiz.

7- O que se aprende nas aulas de gramática, tem uma utilidade dentro e fora da sala de aula para o aluno? Justifique.

Sim, reconheço que a língua é relevante para a comunicação social. É a gramática que determina suas regras de uso e de funcionamento. Nessa concepção é correto afirmar sua utilidade porque está presente no nosso dia a dia quando falamos, ouvimos, lemos e escrevemos

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DISCIPLINA: TCC

ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS

GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOPUSA MOURA



QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL:
SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO
IDADE: 18 e 29 () 30 e 41 () 42 e 53 (X) 54 e 65 () 66 ou mais ()
FORMAÇÃO: Letras
ESTADO CIVIL: () SOLTEIRO(A) () CASADO(A) (X) OUTRO
TEMPO DE SERVIÇO:
() MENOS DE UM ANO () MAIS DE UM ANO (X) OUTRO

- 1- Quais as metodologias empregadas no ensino de gramática? As metodologias não empregadas a partir da interação feita com o texto, levando em consideração os elementos dos gêneros trabalhados e o contexto dos alunos.
- 2- Qual o papel ou função do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa? levar aos alunos os conhecimentos necessários da sua língua materna.

3- O ensino de gramática é contextualizado?

Sim, a partir do momento que trabalhamos a contextualização dos conteúdos gramaticais da leitura, escrita e na análise linguística.

4- Você considera que o ensino de gramática contribui para que os alunos tenham um melhor desempenho nas atividades de interpretação e produção de textos?

Sim, a gramática dá ao aluno a capacidade de agir linguisticamente, comunicar e analisar textos, podendo desenvolver uma boa produção.

5- O que é possível fazer para que as aulas de gramática sejam mais atrativas?

Os conteúdos da gramática, devem ser apresentados ao aluno de forma clara e dinâmica, buscando objetivos relacionados com a língua.

6- Quais são os objetivos do ensino de gramática?

O aluno aprende as normas de bom uso da língua, para falar e escrever bem, de acordo com a variedade culta, padrão. Além disso, o aluno também aprende a identificar os elementos linguísticos.

7- O que se aprende nas aulas de gramática, tem uma utilidade dentro e fora da sala de aula para o aluno? Justifique.

Sim, desde que os alunos coloquem em prática as normas no seu convívio, desenvolvendo a fala e a escrita que aprenderam na sala de aula.

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DISCIPLINA: TCC

ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS

GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL DO ALUNO:

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

IDADE: 14

1-Em relação às aulas de Língua Portuguesa, o que você imagina que vai aprender?

Eu aprenderei muitas coisas que eu possa hoje dizer que eu sei a disciplina de português eu não sabia hoje ler e escrever mais a aula é ótima.

2-Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

(X) Sim () Não () Às vezes () Raramente

Justique: *porque a professora ensina muito bem*

3-O que você estuda em sala de aula corresponde ao que esperava da disciplina?

Sim porque a língua portuguesa eu aprendi bastante no dia a dia com a dona Fatima.

4-Você consegue aproveitar no seu dia a dia o conteúdo de Língua Portuguesa que estuda em sala de aula?

Sim eu comento com os amigos em casa e agente tem dúvidas, mas um tira as dúvidas do outro.

5-Você considera importante o ensino dessa disciplina? Por quê? *Sim porque sem ela não tem como agente falar corretamente escrever corretamente e ler por isso sem o português agente não vive bem no dia a dia.*

6-O que você gostaria que fosse diferente nas aulas de Língua Portuguesa?

Apresente sugestões:

eu gostaria que agente ficasse umas aulas diferentes de vez enquanto porque fica chato toda aula só escrever ou então exercícios, eu queria uma aula diferente.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
DISCIPLINA: TCC
ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS
GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL DO ALUNO:

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

IDADE: 13

1-Em relação às aulas de Língua Portuguesa, o que você imagina que vai aprender?

*O uso da língua, e aprender a copiar um belo texto
o uso da Palavra na disciplina*

2-Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

(X) Sim () Não () Às vezes () Raramente

Justifique: porque no futuro iremos precisar muito.

3-O que você estuda em sala de aula corresponde ao que esperava da disciplina?

*Sim. Por que desde o começo do ensino que
mechemos com esse conteúdo.*

4- Você consegue aproveitar no seu dia a dia o conteúdo de Língua Portuguesa que estuda em sala de aula?

*Sim. Eu tento compreender e lembrar sempre
do ensino dos dias anteriores.*

5-Você considera importante o ensino dessa disciplina? Por quê?

Sim. Para aprender mais no seu e no nosso dia a dia

6-O que você gostaria que fosse diferente nas aulas de Língua Portuguesa?

Apresente sugestões: Para mim está ótimo.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
DISCIPLINA: TCC
ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS
GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL DO ALUNO:
SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO
IDADE: 13

1-Em relação às aulas de Língua Portuguesa, o que você imagina que vai aprender?

A escrever melhor, conhecer todos aspectos da ortografia...

2-Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

(X) Sim () Não () Às vezes () Raramente

Justifique: Mas temos que diferenciar um pouco as aulas

3-O que você estuda em sala de aula corresponde ao que esperava da disciplina?

sim

4- Você consegue aproveitar no seu dia a dia o conteúdo de Língua Portuguesa que estuda em sala de aula? sim, na escrita, na leitura, e em

algumas situações

5-Você considera importante o ensino dessa disciplina? Por quê?

sim, Pois é a ferramenta principal para o desenvolvimento da leitura e escrita

6-O que você gostaria que fosse diferente nas aulas de Língua Portuguesa?

sim
 Apresente sugestões:

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
DISCIPLINA: TCC
ORIENTADORA: PROFª DRª MÔNICA MARTINS NEGREIROS
GRADUANDA: MAURÍCIA TATIELE DE SOUSA MOURA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

PERFIL DO ALUNO:

SEXO: MASCULINO () FEMININO

IDADE: 17

1-Em relação às aulas de Língua Portuguesa, o que você imagina que vai aprender?

EU VOU APRENDER A VÁLA CORRETAMENTE AS PALAVRAS QUE EU NÃO CONHEÇO

2-Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

Sim () Não () Às vezes () Raramente

Justifique. POIS QUE EU APRENDO COISAS NOVAS

3-O que você estuda em sala de aula corresponde ao que esperava da disciplina? SIM

4- Você consegue aproveitar no seu dia a dia o conteúdo de Língua Portuguesa que estuda em sala de aula? SIM NAS CONVERSAS COM OS PAIS AMIGOS

E INMAOS

5-Você considera importante o ensino dessa disciplina? Por quê?

É IMPORTANTE POR QUE NÓS APRENDE A FALAR DIREITO

6-O que você gostaria que fosse diferente nas aulas de Língua Portuguesa?

Apresente sugestões: A ESTICE MAIS FILME

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE C - FOTOGRAFIAS DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS (CAMPO DE PESQUISA)



FOTO 1: Faixada da Escola (Campo de Pesquisa)



FOTO 2: Salas de Aulas (Campo de Pesquisa)



FOTO 3: Atividade de metalinguagem: exercício aplicado pela Professora regente da Turma ao 9º ano A (Campo de Pesquisa)



FOTO 4: Atividade sobre Gênero Textual e Anúncio Publicitário - 8º A (Campo de Pesquisa)

ANEXO A - EXERCÍCIO DE METALINGUAGEM APLICADO PELA PROFESSORA 1 (9º ANO)

Assunto: Orações Subordinadas Substantivas

1. "Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais.**" A oração destacada é:
2. "Estou seguro **de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios** para realizar semelhante medida." A oração em destaque é substantiva:
3. Há oração subordinada substantiva apositiva em:
 - a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
 - b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
 - c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
 - d) Em verdade, eu tinha fama e era visto valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
 - e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.
4. "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:
5. Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?
 - a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
 - b) Sou favorável a que o aprovem.
 - c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
 - d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
 - e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.
6. "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas.**" A oração em destaque é:
7. Nos trechos:

"... não é possível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra "que" está introduzindo, respectivamente, orações:
8. "As cunhas tinham ensinado para ele **que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina.**" Em relação à oração **não destacada**, as orações **em destaque** são, respectivamente:
 - a) subordinada substantiva objetiva direta - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva
 - b) subordinada adjetiva restritiva - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva
 - c) subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta - coordenada sindética aditiva
 - d) subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta - subordinada substantiva objetiva direta
 - e) subordinada substantiva subjetiva - coordenada assindética - coordenada sindética aditiva
9. No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:
10. Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.
 - a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade."
 - b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
 - c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha."
 - d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto."
 - e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas."
11. No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:
12. "A verdade é que a gente não sabia nada..." Classifica-se a segunda oração como:

Divida em oração principal e subordinada e classifique as orações S. Substantivas dos períodos abaixo:

a) Fizeram a seguinte advertência: que o trabalho fosse secreto.

b) É possível que as provas sejam anuladas.

c) A boa notícia do dia seria que descobrissem a cura da AIDS.

d) Alguém lhe perguntou de onde vinha.

e) Ninguém soube se morreria de desgosto.

f) Inteirei-me de que ela havia mentido.

g) Queríamos saber onde estava o proprietário do veículo.

h) Foi permitido que se estacionasse na calçada.

i) Seria conveniente que a empresa contivesse os gastos.

j) Ninguém sabe quem são os assaltantes.

l) Compreende-se que o ponto da lição era difícil.

m) Estou convencido de que ninguém mais verá esse convite.

n) É obrigatório que se ande de camisa aqui dentro.

o) O necessário é que se tenha a quantia solicitada para a realização do evento.

p) É uma pena que não existisse transmissão direta de tevê naquela época.

q) Tenho dúvida de que você venha hoje.

r) Lembre-se de que todos somos pó.

ANEXO B - EXERCÍCIO CONTEXTUALIZADO APLICADO PELA PROFESSORA 1 (9º ANO)

Ser aluno ou ser estudante

O que é ser *aluno* e o que é ser *estudante*? Ser aluno é ser estudante? Essas palavras são sinônimas? Por que quando falamos, por exemplo, que Fernanda foi aluna do professor Vicente, não podemos também dizer que Fernanda foi estudante de Vicente? Por que casa de estudantes e não casa de alunos? Acho que deu para perceber que há certa diferença entre os sentidos das palavras aluno e estudante.

A etimologia é a seguinte: *aluno* palavra derivada do latim *alere*, que significa alimentar, nutrir, crescer, desenvolver, animar, fomentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc.

E *estudante* é aquele que não aprende só na sala de aula, para ele, aprender o ABC não basta. Por isso, procura o que deseja para sua vida na escola, sabendo que esta o recolherá, orientará e dirigirá. É também aquele que confere nos mestres o saber, ciente de que eles não o decepcionarão.

Conta-se numa fábula que havia, numa fazenda, uma sociedade entre um porquinho e uma galinha. Os negócios iam bem, quando de repente, os concorrentes começaram a imitá-los e vender seus produtos, de menos qualidade, por preços bem inferiores. A sociedade começou a falir. Num belo dia, a galinha teve uma excelente ideia e contou para o porquinho:

- **Galinha** – Tive uma ideia para nos salvar, porquinho!

- **Porquinho** – Qual foi sua ideia?

- **Galinha** – Vamos vender ovos com bacon...

O porquinho ficou eufórico, saltitante e muito empolgado.

- **Porquinho** – Excelente ideia galinha, vamos ficar ricos...

Os dois foram descansar para no outro dia começar a colocar em prática a ideia da galinha. Mas, chegado o dia seguinte, o porquinho bem triste encontrou a galinha.

- **Galinha** – O que foi porquinho? Você estava tão bem ontem. Vamos começar a fazer os ovos com bacon?

- **Porquinho** – Não, não vamos...

- **Galinha** – Por que porquinho?

- **Porquinho** – Para você é fácil, você já coloca os ovos, mas eu terei que doar minha carne para que consigamos o bacon. Não vou fazer isso.

Como o porquinho não quis participar da ideia da galinha para salvar a sociedade, e, desta forma, faliram.

Moral da história: A galinha tinha o **compromisso**, teve a ideia, estava preocupada, participativa, mas o **comprometimento** era do porquinho que tinha que se doar para que o compromisso fosse cumprido e o negócio entre eles fosse salvo.

Se trouxermos essa moral para a noção de aluno e estudante, poderíamos dizer que todos os que estão em sala são alunos, estão com o compromisso firmado com a escola, com os pais e com a sociedade, pois estão trabalhando com um mestre em sala. Mas, o estudante é aquele que se doa para os estudos, tem sede de aprender. Ser estudante é buscar ser culto, é negar alguns prazeres passageiros hoje, para que no futuro, tenha prazeres mais duradouros e até permanentes. Ser estudante é realizar novos desafios e transpor barreiras para conseguir seus objetivos.

Ser um bom aluno não significa ser um bom estudante, mas se és um bom estudante, serás um bom aluno. O compromisso existe sem o comprometimento, mas o inverso não é verdade. Por isso, lembre-se: “A escada para o sucesso tem seus degraus feitos por compromissos firmados pelo comprometimento com os estudos”.

PRODUÇÃO DE TEXTO (não se esqueça do título para seu texto)

Produza um texto a partir desse questionamento: **Ser aluno ou ser estudante?**